ARQUITETURA E GLOBALIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE PROJETAR NA CHINA

**TESE DE LIVRE DOCÊNCIA
PROF. DR. BRUNO ROBERTO PADOVANO**

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
JANEIRO DE 2007**

Para a amada Suzana, que compartilhou seu único marido com 1,3 bilhões de chineses, com paciência também chinesa, ao longo da elaboração desta tese.

Água e fogo, ideogramas chineses (em mandarim) da capa, se referem ao meu signo solar de Câncer e ascendente de Leão, respectivamente.

São dois dos cinco elementos adotados pelos chineses para diferenciar os ciclos de doze anos de cada signo zodiacal lunar, os outros sendo metal, madeira e terra. Destes, água e fogo encontram-se também nos quatro elementos zodiacais ocidentais, junto ao ar e à terra.

Agradecimentos

Na elaboração deste trabalho recebi a imprescindível e inesquecível ajuda de muitas pessoas, algumas das quais quero agradecer em especial:

Arq. **Cátia Rocha Vicentini**, um anjo sempre, por ter acreditado no sonho e participado intensamente deste, e depois ter ficado ao meu lado na hora do pesadelo, me ajudando com impecável eficiência na montagem da tese e contribuindo com um anexo sobre suas experiências na China;

Arq. **Patrícia Bertacchini**, brilhante colega, amiga e conselheira, além de co-autora e coordenadora de inúmeros trabalhos aqui ilustrados, pela assistência na montagem do memorial que acompanha a tese e anexando a esta sua experiência de pesquisadora nas várias propostas aqui ilustradas;

Arq. **Dora Cunha Celidonio**, exímia paisagista e colega querida, me ajudando na coordenação de projetos-chave que envolveram paisagismo em grande escala e por ter me representado na China, uma experiência também incluída como anexo à tese;

Arq. **Cristina Alessandra Bernardoni Corione**, querida amiga e genial comunicadora visual, por ter transformado histórias em identidades visuais, me ajudando a traduzir conceitos em formas compreensíveis para os nossos clientes chineses:

Vários outros membros arquitetos da equipe brasileira: **Alessandra Navi**, **Alexandra Carlier**, **Carla Vendramini**, **Cláudio Soares Braga Furtado**, **Cristiano Aprigliano**, **Cristina Possato Capella**, **Edson da Cunha Mahfuz**, **Euler Sandeville Jr.**, **Evandro Longo**, **Fabio Zeppelini**, **Gisela Heuchert**, **Guilherme B. Nicoletti**, **Guilherme Sebastiany Toledo**, **Jaques Suchodolski**, **Maria Beatriz Ferreira de Souza Oliveira**, **Marcelo Claret Paiva dos Reis**, **Marco Antonio Souza e Silva**, **Raquel Mari Yoshizawa**, **Ricardo Bianca de Mello**, **Roberta de Mello Freire**, **Stella Marina Rodrigues**, **Thaís Ferreira de Souza e Oliveira Lapp**, **Victor Miranda Favero**, **Walter Piacentini de Andrade** e **Yara Santucci Barreto** pela ajuda imprescindível e pelas inúmeras contribuições em vários dos projetos apresentados, inclusive aquele que foi erguido em Cixi, a nossa primeira obra na China;

Empresários **Amy Hu** (Queen) e **Jeff Tsang** (Emperor), clientes e amigos da AMP, por ter nos convidado a participar de tantos projetos em tão pouco tempo, apostando na arquitetura brasileira;

Arq. **Li Jun - Leo** (Prince), um colaborador da AMP que se destacou em seus esforços para viabilizar os trabalhos desenvolvidos, quase sempre à distância;

Arq. **Liao Yue - Cathy**, outra ótima colaboradora da AMP e minha informal professora de mandarim, durante minha maior permanência na China ("Xie xie!");

Equipe da AMP, composta por vários membros, pela amizade e simpatia, além dos esforços realizados em traduzir as nossas idéias nas apresentações finalizadas na China;

Arq. **Hiroo Nanjo**, mestre na arquitetura nipo-brasileira e um irmão na vida, por ter aberto as portas da Ásia para todos nós ("Arigatô!");

Sra. **Josette Mazzella di Bosco Balsa**, promotora cultural e amiga querida, incentivadora da nossa arquitetura na França e na China, pela apresentação que abriu as portas em Hong Kong;

Arq. **Stephen S. Y. Lau**, professor na Universidade de Hong Kong, grande amigo e criador das pesquisas e conferência Internacional sobre 'Megacidades', por ter me apoiado em minhas primeiras incursões na China;

Arq. **Edo Rocha** e Arq. **Hector Vigliecca**, meus dois grandes colegas, por termos assinados juntos nosso primeiro projeto na Ásia;

Profa. Dra. Arq. **Maria de Assunção Ribeiro Franco**, pela amizade e companheirismo na aventura das megacidades;

Profa. Dra. Arq. **Heliana Comim Vargas**, pela ajuda numa das propostas, na qual seu conhecimento das novas estruturas comerciais foi aplicado;

Caciporé Torres, nosso grande escultor, pela participação importante no Centro Financeiro em Cixi;

Prof. Dr. Arq. **Geraldo Gomes Serra**, mestre, amigo e incentivador, por ter apoiado com seu NUTAU a nossa proposta para a Ecópole Oeste e me incentivado constantemente a escrever esta tese;

Guido Padovano, meu irmão querido, por ter me ajudado a viabilizar minha primeira viagem para Hangzhou;

Professores e Arquitetos **Gabriella Padovano** e **Cesare Blasi**, meus maravilhosos tios e mestres, por terem me ensinado a caminhar pela arquitetura e urbanismo;

e, principalmente **Giorgio Padovano** (*in memoriam*) e **Tatiana Verner Padovano**, meus adorados pais, por terem me ensinado a caminhar pelo mundo, como se este fosse a nossa casa.

Índice

	07
Resumo/Abstract	09
Introdução	11
Capítulo 01 - Globalização e a internacionalização da arquitetura contemporânea	15
Capítulo 02 - Arquitetura brasileira e globalização	25
Capítulo 03 - Globalização e arquitetura na China	37
Capítulo 04 - Uma experiência profissional na China	57
Capítulo 05 - Projetos desenvolvidos junto à AMP	75
5.1 - Cixi	76
5.1.1 - Planejamento e desenho urbano para o Mazhong Village em Cixi	79
5.1.2 - Parque aquático de Snow Creek em Cixi	91
5.1.3 - Praça Sul de Cixi	107
5.1.4 - Centro financeiro em Cixi	119
5.1.5 - Praça do Portão Leste em Cixi	129
5.1.6 - Nature Factory em Cixi	137
5.1.7 - Centro internacional Jin Mao em Cixi	147
5.2 - Shenyang	156
5.2.1 - Praça cívica em Shenyang	159
5.2.2 - Projeto do distrito urbano do Pagode Sheli em Shenyang	169
5.2.3 - Avenida do Rio Hunhe em Shenyang	187
5.3 - Taizhou	202
5.3.1 - Praça Kaiyuan em Taizhou	205
5.3.2 - Parque da Montanha Baiyun	215
5.4 - Wuxi	240
5.4.1 - Novo bairro Helie em Wuxi	243
5.5 - Yiwu	262
5.5.1 - Biblioteca pública em Yiwu	265
Capítulo 06 - Uma estratégia para projetar na China	279
Conclusões	285
Referências bibliográficas	287
Fontes das imagens	293
Anexo 1 - O Império do Meio ou terra do “meio”?	297
Anexo 2 - Experiências de paisagismo na China	305
Anexo 3 - Online com a AMP	309
Anexo 4 - Com olhos bem puxados: programação visual para chinês ver	315
Anexo 5 - Desvendando os segredos da cultura e estratégias da mente chinesa	323

Resumo

Esta tese discute a relação entre arquitetura contemporânea e o processo de globalização, entendido como essencialmente sendo a integração dos mercados nacionais numa imensa economia mundial, abrindo um novo e promissor campo de atuação profissional. Focalizando o caso específico da China, país onde desenvolvemos uma intensa atividade de projetos nas várias escalas da arquitetura e urbanismo (que incluem o desenho urbano, o paisagismo, os edifícios, a luminotecnica, a comunicação visual e o mobiliário urbano), a tese apresenta as dificuldades e sucessos obtidos ao longo de três anos de cooperação internacional contínua. Em função disto, acredita-se que foi comprovada a hipótese principal da tese; isto é, que "a globalização representa um fértil território para uma classe de profissionais brasileiros cujos conhecimentos e interesse em participar do mercado global permitem acreditar numa maior presença da arquitetura nacional no cenário mundial, ajudando o país em sua pauta de exportações".

Abstract

This thesis discusses the relationship between contemporary architecture and the process of globalization, defined as being essentially the integration of national markets into an immense world economy, opening a new and promising field for professional practice. Focusing on the specific case of China, a country in which have we developed an intense design activity in the various scales of architecture and urbanism (that includes urban design, landscape architecture, building design, lighting design, visual communication design and urban furniture design), the thesis presents the difficulties and successes achieved during three years of continuous international cooperation. In view of this, it is believed that the main hypothesis of the thesis was proved, i.e. that "globalization represents a fertile territory for a class of Brazilian professionals whose knowledge and interest in participating in the global market allow to believe in a wider presence of national architecture in the world scenario, helping the country in its export agenda."

Os carimbos são parte da rica herança histórica dos chineses, que os utilizavam tradicionalmente para assinar documentos ou cartas em seu próprio nome de forma oficial. Em viagem a Hong Kong comprei dois carimbos com as formas de um coelho (meu signo lunar chinês) e de um dragão (meu ascendente).

O Coelho, ou TU, é visto pelos chineses como o signo da felicidade e da diplomacia. Quando os chineses olham para a lua eles enxergam uma lebre que segura uma ânfora que contém o elixir da vida. O mestre Lam Kam Chuen escreveu que "As pessoas nascidas no Ano do Coelho tendem a ser excepcionalmente sensíveis e incomumente alertas. Exibem um elevado grau de inteligência, combinado com revigorante honestidade. Raciocinam com enorme rapidez. Isto os capacita a realizar uma ampla variedade de tarefas diversas em um tempo surpreendentemente curto. Sua rapidez e perspicácia são extremamente valorizadas no mundo da matemática e das finanças. Sua sagacidade também os mantém sempre perscrutando o futuro, pensando à frente, detectando ameaças e riscos".

Sobre meu ascendente Dragão, ou LONG, Chuen escreveu: "As pessoas nascidas no Ano do Dragão são dotadas de um espírito de grande poder. Por milênios o Dragão tem sido o símbolo preeminente na cultura chinesa, e em outras culturas do oriente, da mais elevada essência espiritual. É a personificação da sabedoria, da força e da energia em infindável transformação. À medida que o Dragão se move, vira a cabeça para ver o que ocorre quando ele passa e olha para baixo de uma grande altura para reconhecer toda a paisagem". (Chuen, 1998)

Os ideogramas dos dois carimbos, redondo no caso do Coelho e quadrado no caso do Dragão, significam, respectivamente: "competir" e "espaços alegres", o que corresponde à temática desta tese. A pronúncia de competir é "bì" o que corresponde à letra b em inglês. Isto explica o porquê de ter sido vendido para mim pelo comerciante chinês em Hong Kong quando solicitei que me vendesse um carimbo com a palavra Bruno. "B" foi sua escolha para identificar o meu nome, uma vez que o mesmo inexistia em Mandarim.

Introdução

"Uno scontro di dottrine non è un disastro, è una opportunità."

"Um choque entre doutrinas não é um desastre, mas sim uma oportunidade." (trad. do autor)

Alfred N. Whitehead, 1965

em "Verso il Moderno Futuro"

Gabriella Padovano, 1993.

A tese que ora encaminho para a obtenção de título de Livre Docente junto à FAUUSP Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo trata da relação entre o processo de globalização e o campo projetual, no sentido de averiguar as possíveis desvantagens ou vantagens deste processo de transnacionalização das economias para os arquitetos brasileiros interessados em ampliar seu raio de ação.

Temas vinculados à pesquisa acadêmica ligados ao plano internacional são normalmente recebidos com preocupação pelas bancas de mestrado, doutorado e livre docência na FAUUSP, uma vez que nem sempre tais experiências e discussões adquirem relevância no contexto brasileiro e especialmente em função da dificuldade de se obter material original sobre tais temas, causado pela distancia, física e conceitual, dos lugares e conteúdos estudados.

No entanto, entendo que vivemos numa fase de aceleração dos processos de globalização e convergência das economias regionais e nacionais, de rápidos fluxos de capitais entre nações do planeta, transações facilitadas pela verdadeira revolução tecnológica nas comunicações humanas, causada por inovações como uso universal da Internet.

A globalização representa, ao meu ver, a grande oportunidade de uma expansão praticamente ilimitada do campo econômico e o maior desafio para as sociedades contemporâneas, no sentido de uma crise permanente das elites outrora acomodadas em seu poder oligárquico em sistemas econômicos fechados, pela inevitável adoção de uma nova dinâmica produtiva, que tem na constante busca para a inovação e o aperfeiçoamento de produtos e serviços sua principal força motora.

As implicações para inovações territoriais e arquitetônicas são obviamente proporcionais à virulência deste processo que vai transformando radicalmente as relações sociais e produtivas em países e entre povos interligados agora como nunca antes em uma grande sociedade planetária, interdependente e interagente, cada vez mais convergente.

A explosão das novas redes de comunicação global, que conseguem transmitir notícias e informações simultaneamente aos quatro cantos da terra, e mesmo no espaço, pode ter função virtuosa, como nas megasoluções para impedir o agravamento do aquecimento global ilustradas na Revista Veja (2006), ou nefasta, como atestaram as ações de grupos criminosos, como a Al-Qaeda do truculento saudita Osama Bin Laden e seus seguidores. É inevitável, todavia, que crimes hediondos cometidos por redes terroristas sejam examinados com crescente atenção pela sociedade global, em tempo real, num processo que deverá permitir seu enfrentamento e, esperançosamente, sua desativação.

Igualmente, progressos científicos, econômicos, sociais, institucionais e artísticos estão sendo cada vez mais compartilhados por esta sociedade de recursos comunicacionais avançados, o que deverá levar a um mundo no qual a busca de qualidade de vida será pauta prioritária para os governos de todas as nações, inclusive aquelas que ora lutam contra problemas sociais ainda básicos, como é o caso do Brasil.

Apesar das tentativas de inibir ou questionar as vantagens dos processos de uma universalização do capitalismo avançado, que une hoje grandes segmentos da opinião pública e de grupos contrários à expansão do mercado concorrencial, o processo de globalização, em fase de dinâmica expansão, tende a encontrar o apoio crescente das populações beneficiadas pelo aumento das oportunidades e riqueza crescente das nações que se inseriram de forma inteligente neste processo.

Lamentavelmente para os anseios da população brasileira, há ainda forte resistência no país aos processos de montagem de uma economia concorrencial, livre de limitações protecionistas, e aberta à aspiração para uma maior riqueza dos povos do planeta. Interesses oligárquicos de elites acostumadas com reservas de mercado e limitada concorrência e a corrupção no setor público vêm minando o imenso potencial do Brasil se inserir nesta nova fase civilizatória de forma mais interessante para sua imensa população, e para os arquitetos em particular.

O custo Brasil só é possível num contexto no qual a livre iniciativa sofre a paternalista intervenção de um estado que teme o gradual esvaziamento de seu poder na descentralização econômica que o novo paradigma engendra e a política de juros altos, acompanhada por impostos e encargos sociais elevados, que impedem que amplos setores empresariais nacionais possam enfrentar uma concorrência internacional cada vez mais acirrada.

É isto que esta tese vai tentar demonstrar, através de um estudo de caso, a China, país dominado politicamente há mais de cinco décadas por uma casta totalitária de dirigentes comunistas, que aos poucos, mas com uma velocidade surpreendente, vem abraçando a economia global, liberalizando os processos econômicos outrora centrados na ineficiente e pouco criativa máquina estatal.

Com seu modelo híbrido de desenvolvimento, ou "socialismo de mercado", a China vem apresentando taxas elevadas de crescimento, da ordem de 9% ao ano, tornando sua economia a quarta maior do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos, Japão e Alemanha. Este crescimento só foi possível com a abertura do mercado interno ao capital estrangeiro e a privatização das estatais, e permitiu que este novo mercado ampliado tirasse cerca de 400 milhões de chineses do estado de miséria absoluta em que viviam, em função da até então combatida economia estatal. No choque de doutrinas entre comunismo e capitalismo, os chineses aplicaram sua milenar compreensão da relação direta entre 'desastre' e 'oportunidade', expressa pelo mesmo ideograma em sua escrita, o que coincide com a citação de Whitehead, acima.

O que interessa para nós arquitetos em particular, é o processo de abertura para profissionais estrangeiros, que foram permitidos de entrar e praticar sua profissão no território chinês, tanto de forma independente como em associação com empresas locais de arquitetura.

Esta abertura somou a economia chinesa às das demais potências econômicas capitalistas, que já permitiam, especialmente no caso da Comunidade Européia, a transnacionalização dos serviços de arquitetura no âmbito do mercado comum.

Durante mais de duas décadas arquitetos dos países mais desenvolvidos, muitas vezes apoiados pelos governos de seus países de origem, puderam desfrutar de um mercado ampliado para a colocação internacional de seus serviços profissionais, num processo de globalização da arquitetura internacional.

Profissionais de projeção internacional como Norman Foster, I.M. Pei, Richard Meier, Renzo Piano, Vittorio Gregotti e Cesar Pelli, entre muitos outros, foram sendo contratados por órgãos públicos e empresas privadas na China e Hong Kong, aumentando o poder de suas grifos pessoais, e caracterizando a arquitetura de exportação como o grande campo das experimentações mais avançadas da produção contemporânea.

Os arquitetos brasileiros, atuantes num país que pouco representou em termos dos avanços científicos e tecnológicos da

economia global, tiveram, até agora, um desempenho pequeno se comparado aos dos seus colegas destes países mais desenvolvidos. Raras exceções incluem o mais internacionalmente conhecido e valorizado dos profissionais brasileiros, Oscar Niemeyer, e alguns poucos outros, entre os quais o já falecido Burle Marx (cujo escritório continua porém operando e assinou o paisagismo das torres gêmeas de Kuala Lumpur), Paulo Mendes da Rocha e alguns arquitetos/designers, como os irmãos Campana.

A experiência que vivenciei na China faz parte deste ainda pequeno repertório internacional da arquitetura brasileira. Apesar dos percalços que discutirei no decorrer desta tese, os frutos desta investida pioneira já começam a aparecer, com as possibilidades abertas por este trabalho inédito em terras chinesas. Outros profissionais da minha equipe e outros escritórios que estou promovendo na China também estão deixando seu legado numa maior participação brasileira no mercado global, através da abertura chinesa, mesmo que seja ainda cedo para medirmos os resultados.

A tese principal que apresento neste trabalho, portanto, é a de que a globalização representa um fértil território para uma classe de profissionais brasileiros cujos conhecimentos e interesse de participar do mercado global permitem acreditar numa maior presença da arquitetura nacional no cenário global, ajudando o país em sua pauta de exportações.

Pelo estágio de desenvolvimento atingido pelo Brasil, estes profissionais poderão exercer sua atuação em países igualmente em processo de desenvolvimento, como uma plataforma para uma maior penetração neste mercado global.

A *hipótese principal* do trabalho baseia-se no reconhecimento do potencial da globalização enquanto eficiente processo voltado ao desenvolvimento acelerado da economia mundial, como a de cada país participe da mesma, e contestar a atitude defensiva dos grupos anti-globalização e defensores da reserva de mercado com relação a este processo.

Através das vivências pessoais aqui reunidas, este trabalho visa demonstrar, pelo contrário, a tese de que no campo da arquitetura e do urbanismo existe uma forte possibilidade do Brasil ser um país exportador de experiências e know-how profissional e tecnológico, ajudando, além de si, outros países em seus próprios processos de desenvolvimento (setor de serviços).

As *três hipóteses secundárias* que decorrem da principal são:

- é necessário registrar estas experiências para que outros se beneficiem deste conhecimento, especialmente evitando erros e problemas que inevitavelmente acompanham toda fase pioneira;
- é importante reconhecer e transmitir as dificuldades deste processo em se tratando de culturas, línguas, hábitos, estilos de vida, formações religiosas, práticas profissionais e comerciais diferentes (especialmente no caso da China);
- é imprescindível a elaboração de uma forma de comunicação que torne a troca de informações e know-how mais compreensível para os parceiros e clientes em outros países.

Para verificar a consistência da tese principal e teses secundárias, organizei o trabalho da seguinte forma:

- num primeiro capítulo discuto a noção de globalização e o grau de penetração de uma arquitetura de caráter "universalizante" no mercado internacional em expansão, que inclui o Brasil;
- no segundo capítulo discuto o grau de participação no contexto da arquitetura global pelos arquitetos brasileiros, com especial ênfase na obra do Niemeyer e de alguns outros arquitetos brasileiros, como Paulo Mendes da Rocha, Roberto Burle

Marx e outros;

- no terceiro capítulo analiso esta situação no caso específico da China que tem oferecido amplas oportunidades a profissionais e escritórios estrangeiros para atuarem em projetos públicos e privados;
- no quarto capítulo, discuto as experiências que tive nos meus contatos acadêmicos e profissionais na Ásia e na China em particular, que explicam como ocorreram os trabalhos elaborados para a empresa chinesa que me contratou;
- no quinto capítulo apresento de forma ilustrada quatorze propostas elaboradas por mim e por meus colaboradores entre as mais de vinte que foram apresentadas em licitações e concorrências privadas ao longo do triênio 2003-2006;
- no sexto e último capítulo, discuto possíveis desdobramentos destas experiências, envolvendo a participação de outros profissionais e escritórios brasileiros, sejam estes membros da minha própria equipe, ou de outras equipes, escritórios ou empresas parceiras.

Nas conclusões, que fecham o trabalho, avalio as hipóteses apresentadas nesta introdução com as evidências relatadas nos seis capítulos da tese. Em seguida, cinco anexos importantes consubstanciam os capítulos da tese, através de dados obtidos de livro de Tom Chung sobre relações comerciais com os chineses e quatro relatos de minhas colaboradoras Cátia Rocha Vicentini, Dora Celidonio, Patrícia Bertacchini e Cristina Corione que tiveram importante papel no relacionamento com os nossos colegas e clientes na China.

1

A globalização e a internacionalização da arquitetura contemporânea

"Hoje, a Internet parece ser a realização da aldeia de McLuhan; as TVs, antes na sala de estar, formam a paisagem urbana nas avenidas e cruzamentos; Paul Virilio escreve que a última tendência da alta velocidade é a inércia, onde o diferencial espaço/tempo inexistente; Peter Weibel nomeia a arquitetura que se constrói na interface espaço/tecnologias digitais de arquitetura virtual; a cidade de Groningen espalha cabines de vídeo deconstrutivistas em suas praças; Perry Hoberman produz ambientes via código de barras; Emanuel Pimenta propõe a criação de um Planeta Virtual. O universo das tecnologias eletrônicas e digitais forma o novo território de projeção e construção de propostas arquitetônicas."

Fabio Duarte

Arquitetura e Tecnologias de Informação - da Revolução Industrial à Revolução Digital, 1999:19-20.

Há 37 anos, mais precisamente em julho de 1969, quando passava férias com a minha família de origem (tinha 18 anos) num hotel no Algarve em Portugal, tive uma contundente visão do mundo global em que já vivíamos na época.

Assistia na televisão portuguesa um programa transmitido pela Nasa dos astronautas norte-americanos pisando na lua pela primeira vez na história da humanidade (fig.1). A imagem, por si só, já era fantástica, mas o que rendia aquele quadro mais fascinante ainda era o fato que atrás do televisor havia uma janela e era possível, por uma surpreendente coincidência, ver a verdadeira lua através do amplo pano de vidro. Tão próxima na tela da televisão, e tão distante naquele pedacinho de céu do Algarve, moldurando o nosso satélite prateado, tínhamos completamente globalizado a antiga lua dos poetas e sonhadores, tornando-a um pedacinho da terra e algo que brilhava nos olhos dos milhões de telespectadores nos quatro cantos do mundo.

Esta foi uma imagem daquilo que de bom o mundo global pode oferecer, um mundo que funde fantasia e realismo através de novos recursos humanos e tecnológicos, numa era de imensas possibilidades para a humanidade, finalmente em processo de maior integração e superação de barreiras e distanciamentos de toda ordem.

Mas, infelizmente, há aqueles que não concordam com isto e gostariam de manter a humanidade nas trevas da idade média.

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001 estava fiscalizando uma obra em andamento em Osasco, o novo campus da UNIFIEO - Centro Universitário da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, quando minha assistente me chamou exclamando que as torres gêmeas de Nova York estavam sendo atacadas, recebendo a notícia dos pais dela por meio de seu celular (fig.2).

Mais tarde, absorvendo visualmente a dramática dimensão daquela tragédia, senti uma raiva imensa contra os terroristas que haviam causado aquela destruição e a morte de milhares de inocentes a sangue frio, acompanhada por uma constatação angustiante: o processo de aproximação da humanidade através da globalização econômica e das instituições de abrangência mundial (ONU, UNESCO, OMS, FMI, etc.) estava sendo ameaçado por um grupo terrorista destemido em sua truculência, ao

mesmo tempo assassino e suicida, que havia paradoxalmente colocado ao seu serviço os novos meios de comunicação e de liberdade de circulação permitidos pelo novo paradigma de desenvolvimento global.

A idéia e a esperança de que o mundo contemporâneo poderia finalmente trilhar um período de paz e prosperidade, superando velhas rixas e competitividades ideológicas e religiosas, parecia ter desmoronado junto com aquelas duas imensas construções de Minoru Yamasaki, o arquiteto nova-iorquino que as havia projetado no início dos anos 70, outrora símbolos poderosos da nova fase de expansão do capitalismo internacional. E abatidas, paradoxalmente, com um dos ícones da globalização: o avião a jato de uso comercial.

Como bem colocado pelo relatório do A.T. Kearney/Foreign Policy Magazine Globalization Index (2001) nem todos ficaram chocados com aquele desastre, que originou a atual invasão dos EUA e aliados no Iraque: "For the antiglobalization movement, September 11 was a gruesome vindication of its argument that global integration had widened the gap between the haves and have-nots, and in doing so created resentment that exploded with the destruction of one of the most famous icons of western capitalism (Para o movimento anti-globalização, 11 de setembro foi uma defesa horrorífica de seu argumento que a integração global tem alargado o espaço entre ricos e pobres, e que fazendo assim criou o ressentimento que explodiu com a destruição de um dos ícones mais famosos do capitalismo ocidental. Trad. do autor)." No entanto, a revista também reconheceu que "For others, the message was entirely opposite, and the solution was not less globalization, but more. U.S Federal Reserve Board Chairman Alan Greenspan, in a speech after the attacks, declared that 'globalization is an endeavor that can spread worldwide the values of freedom and civil contact - the antithesis of terrorism'. But even as both sides of the political spectrum reached opposite conclusions, they agreed on one point: the collapse of the twin towers was a body blow to what was seen, in some quarters, as an almost unstoppable force (Para outros, a mensagem era inteiramente contrária, e a solução não era menos globalização, mas mais desta. O presidente do Conselho da Reserva Federal dos Estados Unidos, Alan Greenspan, num discurso após os ataques, declarou que 'a globalização é um tarefa que pode difundir mundo afora os valores da liberdade e do contato cívico - a antítese do terrorismo.'. Mas mesmo que ambos os lados do espectro político tenham chegado a conclusões opostas, eles concordaram num ponto: o colapso das torres gêmeas foi um golpe de mestre contra aquela que estava sendo vista, em alguns setores, como uma força quase impossível de se parar. trad. do autor)"

Esta força até então considerada indomável da globalização sofria, neste momento, a exemplificação mais angustiante de sua aparente fragilidade interna, e a manchete da Folha de São Paulo, no dia seguinte à queda das torres, exprimiu bem a nova situação: "O império vulnerável". Dentro desta linha de raciocínio, para a nossa área do conhecimento, megacidades problemáticas como Nova York (fig.3) e São Paulo (fig.4) seriam casos típicos da fragilidade inerente ao sistema capitalista em processo de globalização.

Passados quatro anos daquele dia, constata-se no entanto que o fluxo de capitais e os IDE (investimentos diretos estrangeiros) na economia global e nos países desenvolvidos e emergentes, e o sistema de valores que os permitem e todos os mecanismos de ampliação e integração dos mercados, só têm se desenvolvido mais, apesar deste fugaz momento de celebração das oposições antiglobalização de um macabro e nefasto acontecimento, de imenso impacto na mídia global.

Mesmo no ano de 2001, e no ano sucessivo, os ataques mal afetaram a estrutura geral de um processo que há séculos e, de forma mais abrangente e dinâmica há algumas décadas, vem transformando o mundo em que vivemos num todo que prescinde, em boa parte, das antigas divisões geográficas de estados nacionais, gerando as "cidades genéricas" de Rem Koolhaas.

Apesar de uma larga frente não-global composta por críticos impiedosos dos avanços da globalização, que tem arejado idéias como as de James Petras (2000), quando escreveu, antes mesmo da queda das torres que "(The) major imperialist countries and their principle ideological apologists have invented a new political language and introduced new concepts to disguise the nature and the operation of their pursuit of global domination (os maiores países capitalistas tem inventado uma nova linguagem política e introduzido novos conceitos para disfarçar a natureza e a operação de sua busca de dominação global. trad. do autor)", e que tem encontrado uma platéia atenta e favorável em eventos internacionais (portanto também globalizados) como o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, a globalização está só ampliando sua força nos quatros cantos do mundo, provocando uma verdadeira revolução econômica, política, social, cultural, ambiental e urbana, de proporções sem precedentes, afetando vários aspectos da vida e das relações sociais e institucionais.

Um destes aspectos é a questão dos direitos humanos no processo de desnacionalização. Como colocou bem Saskia Sassen (2003) com relação aos efeitos de enfraquecimento dos estados nacionais nos processos de globalização: "denationalization can also take place in domains other than that of economic globalization, notably the more recent developments in the human rights regime that allow national courts to sue foreign firms and dictators or that grant undocumented immigrants certain rights....denationalization is, thus, multivalent: it endogenizes many different types of global agendas, not only those of corporate firms and financial markets, but also human rights objectives ("a desnacionalização pode também ocorrer em domínios diferentes daquele da globalização econômica, notadamente no desenvolvimento do regime de direitos humanos que permite às cortes nacionais processar empresas estrangeiras e ditadores ou que oferecem a imigrantes sem documentação certos direitos.....a desnacionalização é, portanto, multivalente: endogeniza muitos tipos diferentes de agendas globais, não apenas aquelas de empresas corporativas ou de mercados financeiros, mas também de objetivos de direitos humanos." trad do autor)."

Países antes divididos pela 'Guerra Fria', como os EUA, a Rússia (a ex-União Soviética, dirigida por uma ditadura comunista) e a República Popular da China (que ainda continua dirigida por um partido único, também comunista), celebraram nestas últimas décadas o descongelamento político e um grau de cooperação econômica inimaginável há apenas três décadas.

Grandes blocos de nações geograficamente contíguas vêm sendo criados para aumentar as possibilidades econômicas no comércio e nos investimentos estrangeiros (NAFTA, União Europeia, MERCOSUL, ASEAN, etc.), com a unificação das tarifas de exportação e importação, estratégias de desenvolvimento compartilhadas, ampliação das possibilidades de atuação nos mercados ampliados de trabalho por parte de seus cidadãos, e até adoção de moedas únicas, como no caso do EUR.

Até pequenos países fora destes conglomerados de nações-membros, como a Suíça, Cuba (que sofre com o embargo

comercial do peso pesado das Américas e do mundo, os EUA, por razões essencialmente políticas) e vários países latino-americanos e africanos vêm sendo absorvidos pela tendência mundial de facilitação de fluxos de capitais, investimentos diretos, e dinamização do comércio multilateral.

Produto e ao mesmo tempo facilitadora deste processo dinâmico de transnacionalização das economias e embaçar dos limites nacionais e geográficos, outrora distintos e independentes em seus sistemas econômicos, políticos e sociais, a tecnologia das informações vem apresentando verdadeiros milagres comunicacionais (Internet, telefonia celular, televisão digital), tornando o mundo contemporâneo interligado através de recursos como a comunicação mundial e simultânea do 'tempo real'.

Evidentemente este grande e complexo processo tem seus vencedores e perdedores e é papel do estado nacional e dos blocos multinacionais garantir que seus cidadãos sejam valorizados, e não vitimizados, por possíveis efeitos perversos nas economias menos privilegiadas na abertura geral dos mercados.

Dentro deste contexto geral, qual é o papel da arquitetura dita contemporânea?

A globalização triunfante promete melhores dias aos arquitetos e urbanistas espalhados pelos cinco continentes do nosso cada vez menos planeta?

Ou será que os processos acelerados de uma maior e mais intensa (e às vezes cruel) competição entre todos os agentes do desenvolvimento estarão diminuindo as chances de profissionais e pesquisadores que, como nós, enfrentam a concorrência de colegas de países mais desenvolvidos e ricos?

Trará a globalização o advento de desastres naturais e humanos numa escala jamais imaginada (guerras, conflitos, epidemias, etc.) capazes de reverter a crescente capacitação técnica da humanidade de lidar com os seus também crescentes problemas, o que tornará improvável a possibilidade de uma contribuição construtiva dos arquitetos e urbanistas na construção de um mundo melhor para todos?

Ou, pelo contrário, ajudará a humanidade a determinar padrões mais sustentáveis de desenvolvimento humano capazes de reverter o quadro melancólico, quando não dramático, que afeta a vida de bilhões de seres humanos num mundo no qual a miséria continua a angustiar as vidas de todos os marginalizados do processo globalizante?

O futuro terá mais homens nas luas do universo ou aviões a jato destruindo arranha-céus?

Na atual situação de guerra "mundial" no Iraque (figs. 5), perante a avalanche de desastres naturais (o grande tsunami asiático, furacões no Golfo do México, terremotos em vários locais populosos do planeta), o aquecimento global e o desmatamento da Amazônia em ritmo acelerado, é difícil acreditar que haja um futuro promissor para a humanidade em curto prazo.

Isto torna muito atraentes as teses derrotistas e críticas da globalização que vêm ganhando impulso, levando a atos

6

desesperados como os ataques às torres gêmeas.

Não acredito que estejamos caminhando para o apocalipse, mas que o caminho a seguir é árduo e exige todo o empenho, especialmente dos profissionais e pesquisadores na nossa área disciplinar, porque as soluções locais exigem cada vez mais soluções globais, e vice-versa.

No Seminário Internacional do NUTAU 2004 fiquei impressionado com a palestra de um colega norte-americano, Edward Mazria, que disse claramente que a responsabilidade para uma menor poluição ambiental era principalmente dos arquitetos, já que construções mal projetadas forçavam a consumos de energias não renováveis (e altamente poluidoras) como o carvão e o petróleo, enquanto a utilização de padrões sustentáveis poderia abaixar consideravelmente a emissão de gases poluentes da atmosfera. Diria então que nunca antes dos tempos atuais uma área disciplinar enfrentou desafios tão empolgantes (para quem gosta de desafios, claro!) como aqueles que somos obrigados a encarar no mundo contemporâneo, no qual a globalização é um dos traços estruturais.

7

Vivemos, enfim, em função desta, de numa nova era de possibilidades ao alcance da nossa área do conhecimento, tanto no plano operacional como também em termos de avanços conceituais e tecnológicos, pelos quais é possível falarmos de processos novos, como da própria desmaterialização da arquitetura. Como escreveu Fabio Duarte: "Ambientes digitais e virtuais trazem-nos a possibilidade de experimentarmos sensações, lógicas, composições e liberdades que estão além da antiga materialidade da arquitetura: liberdade exponenciada. Isto é virtualidade: possibilidade de ser imaginário além da realidade newtoniana." (Duarte, 1999:176)

Sinais destes novos tempos que apontam para um cenário não-apocalíptico existem, basta que sejam procurados. Os inúmeros congressos e encontros internacionais de arquitetura e urbanismo promovidos por entidades como o UIA União Internacional de Arquitetos, a UNESCO e centros universitários nos quatro cantos do planeta (como o nosso NUTAU/USP e a própria FAUUSP), dando continuidade ao Movimento Moderno com seus CIAMs Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, que inauguraram os novos tempos globais, a partir das primeiras décadas do século passado, são talvez a melhor resposta ao desespero crescente com as crises internacionais recentes.

Através da troca paciente de informações e pesquisas entre grupos de pesquisadores em países e continentes separados por grandes distâncias físicas, mas hoje conectados em redes cada vez mais eficientes de transmissão de dados através das comunicações avançadas, é possível aprimorarmos o conhecimento conceitual e técnico em bases alargadas pela experiência em contextos diferentes, no entanto, intrinsecamente ligados entre si.

Assuntos como a sustentabilidade, metodologias para o enfrentamento de processos projetuais e de planejamento cada vez mais complexos, soluções tecnológicas compostas pela utilização dos novos recursos informacionais, participação dos usuários em planos e projetos, inovações no controle de qualidade (como as Certificações de Qualidade e as APOs Avaliações Pós-Ocupação), distinções e prêmios aos profissionais (como o Pritzker, outorgado em 2006 ao nosso grande mestre e professor

aposentado da FAUUSP Paulo Archias Mendes da Rocha) e projetos de maior relevância, entre tantos outros temas de interesse, formam um conjunto riquíssimo de dados e técnicas avançadas ao nosso alcance para que possamos enfrentar localmente problemas e necessidades a partir de uma visão mais abrangente.

É inegável também que os fluxos de capitais de empresas e grupos de investidores transnacionais levem profissionais de planejamento e de projeto arquitetônico, especialmente aqueles oriundos de países nos quais tais capitais se originam, para atuarem com crescente desenvoltura em outros países e continentes, algo difícil de ocorrer no passado, ao menos que o profissional deixasse seu país de origem e se instalasse no novo contexto.

É o caso de arquitetos oriundos do Movimento Moderno europeu, como o espanhol Josep Lluís Sert, e os alemães Walter Gropius, Marcel Breuer e Mies van der Rohe, que, ao se transferirem para os Estados Unidos, passaram a realizar obras importantes no continental país norte-americano, influenciando gerações de arquitetos naquele país, como no caso do escritório Skidmore, Owings and Merrill em seu projeto para o edifício de escritórios Lever House, em Nova York, sob a coordenação do arquiteto norte-americano Gordon Bunshaft que, em 1988, dividiu o Pritzker com Oscar Niemeyer (fig.8). Ou o exemplo de Gregory Warchavchik no Brasil, como um paralelo nacional.

Já a partir da segunda metade do século, no pós guerra, com a instalação de empresas multinacionais em vários países em desenvolvimento, casos de arquitetos estrangeiros operando em outros países se tornaram mais comuns, como temos vários exemplos no Brasil (por exemplo, a fábrica da Olivetti em Guarulhos por Marco Zanuso e a da Plavinil por Giancarlo Piretti). O Brasil encontrou na figura de Oscar Niemeyer um arquiteto nacional convidado para atuar no exterior a partir de sua bem sucedida atuação no projeto da sede das Nações Unidas em Nova York, colaborando com o mestre franco-suíço Le Corbusier, sua grande referência nos primeiros tempos de sua carreira profissional. São seus os projetos da Sede da editora Mondadori em Milão (fig. 9), a praça Les Havres em Paris, e várias obras na Argélia.

A projeção internacional de Niemeyer e o respeito mundial gerado por profissionais nacionais de altíssimo nível, como Lúcio Costa, Afonso Reidy, Rino Levi, Oswaldo Bratke, entre muitos outros, tornou o Brasil bastante impermeável a uma invasão de talento estrangeiro no pós-guerra, e os profissionais brasileiros foram contratados para atender os grupos multinacionais que se instalam no país, como a IBM e o Citicorp (Croce, Aflalo e Gasperini), além das grandes empresas brasileiras.

Na última década começam a aparecer casos de arquitetos estrangeiros atuando no Brasil a partir de empresas localizadas no exterior: um exemplo é o edifício de escritórios Birmann na avenida marginal do Rio Pinheiros em São Paulo, com projeto do escritório do SOM (Skidmore, Owings and Merrill) de Nova York. Projetos recentes de renomados arquitetos internacionais, como é o caso do Museu Serralves em Porto Alegre do português Álvaro Siza, no Rio de Janeiro o Museu Guggenheim do francês Jean Nouvel (fig. 10) e a Cidade da Música do também francês Christian Portzamparc mostram esta abertura do meio local aos arquitetos de projeção internacional.

Os concursos de arquitetura internacionais, promovidos por países distintos tais quais Egito e Japão, vêm possibilitando a

ampliação do mercado de trabalho para os profissionais mais qualificados, independentemente de sua origem e localização geográfica. As vitórias nos concursos para o Fórum Internacional de Tóquio (fig. 11) pelo arquiteto de nacionalidade uruguaia formado na Argentina e radicado nos Estados Unidos, Rafael Viñoly, e na Ópera de Paris pelo também uruguaio radicado no Canadá, Carlos Ott, são dois exemplos desta abertura do mercado mundial para arquitetos de países em desenvolvimento, que souberam se inserir com coragem e criatividade no novo plano concorrencial na escala global.

Recentemente, o escritório brasileiro De Fournier & Associados venceu uma concorrência internacional para o desenvolvimento imobiliário de um pier em Nova York (fig. 12), com investimento previsto em US\$ 200 milhões, e há casos isolados de outras atuações no exterior por arquitetos atuantes no Brasil, como discuto no capítulo 3 deste trabalho. Ainda que se tratem de casos pontuais, a tendência é clara.

Hoje não existe empresa de arquitetura de um certo porte que não exiba em suas fileiras de profissionais contratados ou mesmo associados e sócios aqueles oriundos de outros países: a mobilidade profissional é elevada e ainda recentemente uma das nossas arquitetas e ex-aluna da FAUUSP, Raquel Mari Yoshizawa, se mudou para a Austrália para ali estudar e trabalhar, um exemplo de um processo que leva muitos jovens profissionais brasileiros a buscarem experiência acadêmica e profissional em outros países, especialmente os mais desenvolvidos. Tenho assistido, sempre que solicitado, a tais corajosas e corajosos jovens, em seus esforços de viajar para o exterior para que tenham a oportunidade de entrar em contato com outras culturas e formações profissionais.

O fato de eu mesmo ter estudado na prestigiosa Graduate School of Design (GSD) da Universidade de Harvard, nos anos 70, me sensibilizou sobre a importância de um background internacional, com a possibilidade de aprendizagem de línguas estrangeiras e criação de contatos que perduram no tempo, como é o caso de meu ex-colega de GSD, o norte-americano Gene Smith, radicado em Los Angeles, com quem procurei viabilizar recentemente uma parceria em projetos na China.

A facilidade com a qual atualmente se é possível transferir de um país para outro dados projetuais em questão de segundos pela Internet, sejam estes croquis ou projetos completos, e a possibilidade de se aproveitar o fuso horário para um processo non-stop de projetos entre, por exemplo, Brasil e China (a diferença de 12 horas é ideal para que isto aconteça), abrem um imenso espaço de cooperação entre arquitetos pelo mundo afora, sem que seja necessário deixar os países de origem ou enfrentar longas viagens. Basta às vezes ter criado um contato inicial, através de alguma oportunidade de estudo ou trabalho, ou mesmo de viagem, para que oportunidades se abram para os profissionais da era da globalização. No entanto, o processo de trabalho não é necessariamente linear ou isento de turbulências, assim como um voo de avião.

Há ainda inúmeros obstáculos de ordem legal, institucional, cultural e econômica que dificultam estes processos promissores de uma crescente cooperação intelectual, científica, tecnológica e profissional entre países distintos.

Em termos legais, nem sempre a atuação no país estrangeiro é possível sem a obtenção prévia de uma carteira profissional ou obtenção de um diploma ou aprovação através de exame de estado. Isto torna difícil ou mesmo inviável a efetiva penetração de um profissional brasileiro num país estrangeiro, especialmente aqueles do grupo do "primeiro mundo". Uma colega arquiteta

paisagista brasileira que se mudou para Miami há cerca de dez anos, não conseguiu até hoje obter sua licença profissional, pela grande dificuldade do exame de que a liberação para atuar e assinar projetos de um certo porte, no Estado da Florida apenas. Após quatro tentativas mal sucedidas, ela reconsiderou sua permanência nos EUA e voltou para o Brasil, um país no qual a prática profissional não sofre ainda uma mais rigorosa regulamentação por parte do Estado, sendo possível que qualquer formado em escolas nacionais reconhecidas pelo MEC ou que tenha seu diploma estrangeiro reconhecido aqui, possa exercer uma atuação ilimitada em todo o território nacional. Tais diferenças na regulamentação da profissão, portanto, podem ser o motivo de enorme discriminação no processo de abertura das economias nacionais para profissionais brasileiros.

Uma entidade de forte perfil profissional como a AsBEA - Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura, vem discutindo o problema da inserção, facilitada por esta legislação frouxa, de profissionais estrangeiros no setor de serviços de arquitetura e áreas correlatas, mas pouco de fato tem sido realizado para equiparar os direitos e obrigações entre profissionais brasileiros e estrangeiros, em base a uma reciprocidade de tratamento. A nossa mais tolerante e menos exigente legislação facilita a vida dos profissionais e empresas estrangeiras, que podem atuar com grande desenvoltura e segurança no mercado brasileiro. O mesmo não ocorre com os nossos profissionais quando estes tentam penetrar os mercados norte-americano, europeu ou asiático.

Diferenças culturais, não apenas no campo da estética e da fruição espacial, mas principalmente das relações comerciais, podem também significar enormes dificuldades na condução de processos de cooperação internacional e mesmo oferta direta de serviços acadêmicos e profissionais para instituições e clientes privados estrangeiros. O que vale para um brasileiro não vale necessariamente para um chinês, quando o assunto é negociar um contrato de trabalho, como vim apreender ao longo de minhas experiências na China.

Por fim, as diferenças econômicas entre países diferentes podem representar tanto um empecilho como um estímulo para que oportunidades profissionais ocorram: no jogo da eficiência de retorno financeiro aos investidores e nos interesses em aumentar as taxas de intermediação, níveis diferenciados de remuneração podem ser vantajosos ou não, determinando possibilidades de contratação ou tornando-as inviáveis.

De maneira geral, profissionais e pesquisadores de países mais ricos recebem salários e horas técnicas com valores mais elevados do que aqueles oriundos de países emergentes ou do terceiro mundo. No entanto, o nível de competência técnica também varia e é necessário avaliar o nível de complexidade e de transferência tecnológica envolvido em cada caso. A questão das taxas e impostos cobrados sobre os serviços prestados pode também representar um fator complicador, especialmente no caso brasileiro, já que no nosso país adotam-se hoje taxas bastante elevadas se comparadas com aquelas praticadas por outros países.

No entanto, se a contratação de um arquiteto brasileiro depende de tantos fatores e enfrenta necessariamente tantas dificuldades, é também verdade que o mercado global é vasto e diversificado, e é perfeitamente possível que em determinados contextos, como na África das ex-colônias portuguesas, até por causa da facilidade da língua, os profissionais e pesquisadores

13

brasileiros tenham condições de atuarem com certa facilidade. Já em outros países com regulamentações mais rígidas e protecionistas, o mesmo seja, por enquanto, praticamente inviável.

Hoje, pode se dizer que os mercados que melhor remuneram os profissionais de arquitetura e urbanismo encontram-se bastante fechados à inserção de arquitetos brasileiros, já que ostentam numerosos profissionais famosos e bem preparados para desenvolver adequadamente os trabalhos solicitados, e que se caracterizam por níveis elevados de sofisticação técnica. O bloco da Comunidade Européia, o Japão e os Estados Unidos, além das ex-colônias britânicas (Austrália, Nova Zelândia, Canadá), formam hoje um conjunto de países altamente desenvolvidos que detêm um know-how elevado sobre técnicas construtivas e soluções espaciais, e que dificilmente necessitam de talento estrangeiro, normalmente limitado à prestação de serviços em grandes empresas de projeto naqueles países.

14

Entre tais países são comuns convites para empresas e profissionais oriundos dos mesmos, que assim operam com grande liberdade entre si. Podemos chamá-lo de "clube dos ricos", que pouco se abre para membros de países menos desenvolvidos, mas que exibe grande interesse em promover uma modernização altamente qualificada com a ajuda dos mais brilhantes membros desta "irmandade dos desenvolvidos".

Arquitetos primeiro-mundistas com obras distribuídas pelo planeta como o Lord inglês Norman Foster (fig.13) o canadense/americano Frank Gehry (fig.14), o italiano Renzo Piano (fig.15), o norte-americano Peter Eisenman e o suíço Mario Botta entre muitos outros, e até uma representante feminina, a iraquiana radicada na Inglaterra, Zaha Hadid (fig.16), vêm recebendo convites para atuarem em contextos onde programas cada vez mais sofisticados encontram recursos financeiros e tecnológicos à altura das solicitações, num círculo virtuoso que faz que os melhores se tornem cada vez melhores. É praticamente impossível para um profissional brasileiro adentrar este mundo elitista e fechado, até porque a mídia internacional (as mais prestigiosas revistas de arquitetura, colunas em jornais de ampla circulação, livros etc.) raramente publicam projetos e obras de países emergentes ou em desenvolvimento.

15

Por outro lado, apesar das qualidades inegáveis da produção nacional nos campos da arquitetura e urbanismo, da qual tratarei no próximo capítulo da tese, falta ao governo brasileiro e às entidades de classe no Brasil uma postura mais agressiva e pró-ativa na divulgação de seus melhores profissionais e pesquisadores, como das principais realizações construtivas, no mercado global. Iniciativas de alcance internacional, como é o caso da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, são infelizmente raras ainda, mas sua mera existência já aponta para um futuro mais promissor.

Um país que pretende exportar mais ao mercado global terá, mais cedo ou mais tarde, que compreender que o projeto é um recurso intelectual imprescindível para deixar o plano das commodities e adentrar o mercado das tecnologias e serviços com valor agregado, que permitem maiores lucros aos países exportadores. Neste sentido o projeto arquitetônico constitui o caminho fundamental que o desenvolvimento econômico exige para elevar o país no processo de modernização universal, num contexto econômico global no qual a atividade da construção civil é um dos fundamentos da geração da riqueza e transformação do espaço vivencial.

Examinarei, agora, os progressos realizados por profissionais brasileiros neste grande mercado em processo de abertura, desde os passos dados por Oscar Niemeyer até o magnífico Prêmio Pritzker que agraciou um dos nossos maiores mestres contemporâneos, Paulo Mendes da Rocha, mais um sinal dos novos tempos.

2 Arquitetura brasileira e globalização

“ Marcada pelas controvérsias político-ideológicas nos anos 1960 e 1970, a arquitetura no Brasil agitava-se no desafio de completar a modernização do seu ambiente construído, relegando a um plano menor as discussões internacionais. Somente a partir da década de 1980, começou-se a criar corpo uma reação à pós-modernidade e ao esgotamento do modernismo como modelo de reflexão.”

Maria Alice Junqueira Bastos, 2003.

Tema candente em inúmeros encontros entre arquitetos do mundo inteiro, a relação entre globalização e atuação profissional dos arquitetos e urbanistas, especialmente em países ditos "emergentes" ou "em desenvolvimento" como o Brasil, tem sido discutida apaixonadamente nos últimos anos e a tendência é que se torne um dos aspectos mais importantes do cenário contemporâneo, afetando a vida profissional e acadêmica de todos que tentam se situar de uma forma sensível e propositiva com relação ao mundo em que vivemos.

Por exemplo, no XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos (em homenagem ao colega João Filgueiras Lima - Lelé), realizado no Rio de Janeiro em 2003, o texto do IAB/RJ que abre o Congresso voltado ao tema geral "Arquitetura e Urbanismo em face da Globalização" coloca a grande dúvida que paira sobre esta questão: "Do ponto de vista mais amplo, é preciso buscar se compreender, a partir do lançamento do tema do Congresso, quais as conseqüências que podem ser verificadas no espaço urbano como resultado das transformações provocadas pelo processo de globalização, particularmente na América Latina e no Brasil. Nesta linha, cabe investigar em que medida a absorção de linguagens arquitetônicas, gestadas em realidades diferentes daqueles existentes no Brasil, lida com nossas especificidades, seja do ponto de vista das características ambientais e climáticas, seja do ponto de vista da construção de valores simbólicos." (IAB/RJ, 2003).

Um dos participantes do Congresso, o arquiteto e professor gaúcho Sérgio Moacyr Marques, autor de um livro sobre a produção recente na arquitetura daquele estado, demonstra em sua manifestação o grau de preocupação com esta questão quando ele coloca sua posição: "O problema de andar a reboque de um direcionamento histórico-estrutural hegemônico é a perda de caminhos alternativos, voltados às particularidades que também poderiam se apresentar como bem sucedidos. Por outro lado não se deve desprezar os avanços e o patrimônio intelectual/científico da humanidade. Creio, portanto que o caminho possível é o da construção de uma visão crítica com consciência ética em uma condição de equilíbrio entre o universal e o autônomo." (Marques, 2003)

Esta visão bastante equilibrada com relação à possibilidade de uma coexistência dinâmica entre valores locais e globais não encontra necessariamente a simpatia de grupos que vêem com grande preocupação o advento e intensificação dos processos globais, como sintetiza o professor Csaba Déak da FAUUSP ao analisar a heterogeneidade das posições das cidades-regiões

convidadas pela Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin) para detectar os impactos da globalização nos espaços urbanos, no projeto 'Cidades-regiões': "Globalização é menos um fenômeno ou processo concreto do que uma palavra de ordem, utilizada como pretexto para a execução de políticas neoliberais - a saber, a diminuição do peso do interesse coletivo em benefício dos interesses individuais ou grupais. Os representantes de Johannesburgo e São Paulo expressaram exatamente essa posição, enquanto Mumbai compartilhava em essência desse ponto de vista, porém de um modo mais indeciso. Já a posição do grupo de Shanghai (sic) era inteiramente outro: para eles, globalização significa preparar-se para enfrentar a hegemonia dos EUA em seu próprio terreno." (Vilela, 2003)

Este neoliberalismo econômico considerado, nesta linha de raciocínio, o principal problema do mundo contemporâneo, parece ser objeto de uma tentativa tardia de reativar o velho embate capitalismo/comunismo que o fim da Guerra Fria entre os próprios EUA e o bloco soviético havia aparentemente decidido a favor da livre iniciativa e a abertura de mercados para capitais internacionais, com a simbólica queda do Muro de Berlim no final dos anos 80 transferindo-o para um conflito entre países centrais, ou ricos, e os periféricos, ou pobres. É interessante perceber, na análise do Professor Déak, a diferença de posições e a atitude mais liberal dos chineses com relação aos latino-americanos, africanos e outros asiáticos. Diria até que esta diferença demarca o campo de atitudes possíveis com relação a esta questão e nos obriga a entendermos este processo como de difícil assimilação, dependendo das posições ideológicas das partes envolvidas no debate.

No extremo oposto, um arquiteto oriundo de um país desenvolvido, e particularmente rico, como a Suíça, Mario Botta, exprime com muita naturalidade seu ponto de vista: "Um arquiteto do Ticino pode trabalhar na Califórnia, construir em São Petesburgo ou Moscou. Trata-se da migração cultural, que não é um problema atual, já aconteceu no passado." E mais: "...o arquiteto é um cidadão do mundo e deve propor a arquitetura como testemunho crítico da sociedade, da qual é um reflexo. Mas não anônimo: é um reflexo capaz de determinar as coisas, corrigir. Não pode mudar a sociedade, mas pode mudar a arquitetura." (Botta, 2001)

Por outro lado, Paul Malo questiona esta forma muito natural de arquitetos como Botta se projetarem universalmente através de sua griffe pessoal: "Why do we continue this Romantic notion of the architect as a super-artist, who endows the world with signature buildings? It is, of course, our culture of celebrity, which has become, alas, global with the proliferation of media. ("Por que continuamos esta noção Romântica do arquiteto como um super-artista, que embeleza o mundo com edifícios assinados? É, claramente, a nossa cultura de celebridade, que se tornou global, lamentavelmente, com a proliferação da mídia." trad. do autor)" (Malo, 2001)

E nem todos os arquitetos de países desenvolvidos concordariam, necessariamente, com a desenvoltura de um arquiteto como Botta ao lidar com a globalização, até porque nem todos são profissionais de brilho no plano internacional e sofrem com a atuação das estrelas internacionais em seus próprios países.

O arquiteto japonês que morou anos no Brasil, Hiroo Nanjo, falando sobre os desafios da invasão dos arquitetos de renome internacional no seu país de atuação, o Japão, disse para um público reunido pelo Instituto para o Desenho Avançado IDEA, em São Paulo, na sede do IAB/SP: "A globalização se fez sentir no Japão quando estávamos construindo muita coisa, com a substituição de construções existentes, facilmente demolidas, por construções novas. Havia muitas oportunidades e isto trouxe vários profissionais estrangeiros, que acabaram por competir com os arquitetos locais. Os grandes (Tange, Maki, etc.) pegaram obras gigantescas - depois apareceram Foster, Piano, Viñoly... a luta começou. A presença de estrangeiros se fez sentir por toda parte - há, por exemplo, um Aldo Rossi bem ao lado do prédio onde eu moro. Muitas novidades apareceram, já que os projetos de fora foram apoiados por altas tecnologias, criadas por fabricantes de materiais e construtoras. No Japão, as construtoras mantêm-se como responsáveis pelo projeto e construção. Como trabalhar para grandes nomes internacionais é prestigioso, as construtoras desenvolvem todos os desenhos de detalhamento que estes solicitam, já que não há problema de dinheiro. Houve até casos de associação de escritórios estrangeiros com construtoras japonesas fora do Japão - como o Hong Kong and Shanghai Bank em Hong Kong - Foster e uma construtora japonesa." E, continuando com sua palestra, Nanjo fez uma gentil deferência à minha pessoa: "Bruno Padovano foi o único colega do Brasil a freqüentar meu escritório, trabalhando junto com minha equipe - outros só vieram passear em Tóquio. Mesmo os descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil que se mudaram para o Japão não têm procurado meu escritório. Os colegas japoneses procuram intercâmbio, um movimento na Ásia - com a China, com os outros países da região. É também um reflexo da globalização... Em Singapura, por exemplo, dois terços dos prédios são do Tange, do Kurokawa, do Johnson; virou hum palco para os grandes arquitetos do mundo, uma espécie de Manhattan - com dezenas de edifícios de 100 andares! Entrei recentemente numa concorrência com um escritório canadense - perdi por causa do preço. Sei que Berlim está com muito trabalho, e que em Paris trabalham vários arquitetos japoneses e norte-americanos. É triste a ausência de arquitetos brasileiros; estão faltando, e deveriam partir para o mundo. Vejo que os escritórios aqui estão também começando a trabalhar com CAD, com a Internet. Assim, seria possível, pelo fuso horário, trabalhar 24 horas sem parar, já que temos 12 horas de diferença. Assim talvez poderia-se competir com os estrangeiros - que terrível!" (Nanjo, 1997)

Esta "ausência" da arquitetura brasileira no cenário asiático e particularmente chinês foi bem captada por Fernando Serapião quando este analisou a inexistente atuação de arquitetos brasileiros no contexto do mais intenso processo de desenvolvimento econômico e da construção civil experimentado no mundo do pós-guerra: a China em seu processo de liberalização econômica. Serapião termina sua análise da situação dos impactos da globalização na Arquitetura Chinesa com a seguinte constatação: "No que se refere às relações arquitetônicas, o Brasil e China ainda engatinham. Não se vê nenhum tipo de acordo buscando uma fatia do mercado chinês, seja do ponto de vista acadêmico, institucional ou governamental. Em relação à China, os arquitetos brasileiros parecem estar mais preocupados em aprender a aplicar o feng shui" (Serapião, 2004).

Se num país como a China, e com tantas oportunidades, os arquitetos e urbanistas brasileiros têm tido tão pouca participação em projetos e obras, isto representaria uma situação normal, com os mesmos precedentes e intrinsecamente imutável? Seria o Brasil apenas um país receptor de inovações e idéias desde sua colonização por Portugal no Século XVI e esta situação se

manteria, em essência, até os dias de hoje? Esta visão seria suficiente para justificarmos uma atitude defensiva contra os efeitos 'invasores' da globalização, com clara analogia aos tempos da colonização do país, quando as culturas autóctones indígenas foram varridas do mapa (ou quase) pelos colonizadores europeus? Estaríamos vivendo uma situação análoga, com requintes de sofisticação tecnológica, nos dias atuais?

A importação de modelos arquitetônicos e urbanísticos ocorreu, de forma imposta pela elite dominante, ao longo de quatro séculos, o último episódio mais impactante sendo o da Missão Artística Francesa, a convite de D. João VI em 1816, que veio ao Brasil trazendo o modelo neoclássico, o que levou o arquiteto francês Grandjean de Montigny a fundar a Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, sendo autor da Academia de Belas-Artes, com forte influência na arquitetura nacional que se estende, de forma empobrecida e anacrônica, até os edifícios 'neoclássicos', tão em voga na arquitetura imobiliária em São Paulo hoje em dia.

Na realidade, a arquitetura brasileira já participou ativamente do cenário global internacionalizante, bem antes da era das comunicações avançadas. Entre as duas guerras mundiais, com o mundo vivendo uma onda de modernização tecnológica e científica, os arquitetos brasileiros vinham acompanhando com interesse os desenvolvimentos conceituais e as realizações práticas dos seus colegas ligados ao Movimento Moderno, em especial ao trabalho de Le Corbusier e de Frank Lloyd Wright, que estiveram no Brasil para proferir palestras e iniciando, no caso do Le Corbusier, uma intensa cooperação internacional com o grupo modernista centrado no Rio de Janeiro, liderado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Este processo iniciou-se ainda no início da década de 20, com a realização da Semana de Arte Moderna de 22 em São Paulo, sob a liderança de Oswald de Andrade, que havia tomado conhecimento do Manifesto Futurista de Marinetti em Paris já no ano de 1912. Organizada e promovida em parte para apresentar uma frente unida contra as críticas que a artista plástica Anita Malfatti havia recebido por sua arte expressionista, a Semana trouxe o "espírito futurista" para o principal centro industrial do país, irradiando seu conteúdo para além dos confins das artes plásticas, e no fim também adentrando o território mais pragmático e talvez por isto mais conservador da arquitetura e do urbanismo.

Em projeto de clara orientação modernista, o arquiteto russo, formado na Itália e que emigrou para o Brasil, Gregori Warchavchic, encontrou boa receptividade quando realizou sua própria residência familiar em São Paulo, em 1927 (figs. 17 e 18). Driblando as posturas municipais da época, que exigiam fachadas decoradas, o arquiteto construiu a casa despida de tais elementos fictícios, alegando falta de recursos financeiros para executar as decorações. Iniciou-se, com esta obra paradigmática, a adoção pelas vanguardas brasileiras do funcionalismo racionalista de cunho europeu, que inseriria o país no grande discurso internacionalizante promovido mundialmente pelos arquitetos modernistas, um claro exemplo da importância de influências estrangeiras na atualização cultural de um país que desejava fazer parte dos avanços de uma modernização globalizante.

19

Os arquitetos brasileiros envolvidos com a construção de conjuntos habitacionais adotaram logo no início dos anos 30 os critérios funcionalistas dos modernistas europeus, e nesta década começam a surgir obras modernistas importantes no Brasil, em projetos de Lúcio Costa (alguns em parceria com o próprio Warchavchic), Affonso Eduardo Reidy no Rio de Janeiro e Luís Nunes no Recife.

Influenciados pelos mestres europeus (Gropius, Mies van der Rohe e Le Corbusier) e pelo norte-americano Frank Lloyd Wright, com a predominância do grupo "Corbuseriano" sobre o "Wrightiano", os arquitetos brasileiros modernistas se destacaram no cenário mundial, especialmente através da brilhante atuação de Niemeyer, que alcançou o mesmo estrelismo internacional hoje compartilhado pelos grandes nomes do panorama mundial.

A influência sobre os arquitetos brasileiros do arquiteto franco-suíço foi inegável, como escreveu Bruyant: "A pregação de Le Corbusier foi ainda mais significativa, porquanto se identificava com as tendências mais representativas do pensamento brasileiro do século XX. A preocupação com a plasticidade, ou seja, com a riqueza formal e decorativa, correspondia aos desejos de uma sociedade em plena evolução, sensível aos aspectos exteriores e expressivos que se constituíam numa das condições de sucesso." (Bruyant, 1981).

20

A partir da associação de alguns dos profissionais mais engajados na atualização da arquitetura nacional com Le Corbusier, os arquitetos modernos no Brasil encontraram logo em Oscar Niemeyer seu maior expoente nos planos nacional e internacional. Sendo o mesmo um dos autores do celebre Ministério da Educação no Rio de Janeiro em 1936-43, a partir de estudos feitos pelo próprio Le Corbusier, numa equipe que contou ainda com Lúcio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcellos, (fig.19) sua arquitetura com seu inconfundível traço curvilíneo e busca de originalidade e liberdade expressiva apareceria com muita força no conjunto do Parque da Pampulha em Belo Horizonte, de 1942 (fig.20), no qual apresentou seu plasticismo formal aliado aos preceitos funcionalistas, reconhecido logo pela sua originalidade por críticos e teóricos internacionais, como o próprio Bruyant.

Em breve, ecos desta produção foram sendo ouvidos no cenário mundial, que reconheceu a nova arquitetura brasileira como uma das que melhor expressiu a modernização em forte processo de expansão, mesmo com a sangrenta parêntese da Segunda Guerra Mundial no final dos anos 30 e início dos anos 40, durante a qual o Brasil não parou de realizar construções importantes, enquanto países e cidades da Europa, do norte da África e da Ásia estavam sob intensos bombardeios dos países em conflito, destruindo seu patrimônio arquitetônico, o Brasil erguia o seu.

Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, num período histórico que assistiu à ascensão dos EUA ao papel de superpotência econômica e militar, Niemeyer continuou com a realização de obras importantes no exterior, como já lembrado no capítulo

anterior.

Ainda, é importante destacar a vitória em um concurso internacional realizado pela UIA em Buenos Aires em 1962 para a torre de escritórios da empresa Peugeot (fig.21) pelo escritório Croce, Aflalo e Gasperini Arquitetos Associados, da qual o professor titular aposentado da FAUUSP, Gian Carlo Gasperini, participou como um dos autores. A partir desta importante realização, Gasperini e seus sócios se tornariam alguns dos mais bem sucedidos profissionais brasileiros neste setor, projetando importantes edifícios para empresas multinacionais no Brasil, como a IBM e o Citicorp na Avenida Paulista em São Paulo (fig.22) tornando-se especialistas neste tipo de edificação.

A realização de Brasília, a cidade modernista finalmente construída será o ápice desta presença da arquitetura brasileira na mídia mundial, atraindo a atenção de acadêmicos, pesquisadores e profissionais do mundo inteiro. No entanto, a partir de sua inauguração em 1964, começa surpreendentemente, um eclipse da arquitetura nacional no cenário global, mesmo que arquitetos brasileiros como Rino Levi tenham seus projetos e obras publicados internacionalmente, como no livro sobre o mesmo editado por uma editora européia em italiano e inglês. (Edizioni di Comunità, 1974).

Ainda, o arquiteto e professor da FAUUSP João Baptista Vilanova Artigas, um dos principais expoentes da modernidade na arquitetura brasileira e autor do edifício da faculdade na Cidade Universitária em São Paulo (fig. 23), foi laureado em 1972 com o prêmio Jean Tschumi da UIA União Internacional de Arquitetos pela sua contribuição ao ensino da arquitetura, tendo participado de congressos internacionais de arquitetura como porta-voz dos arquitetos latino-americanos e brasileiros.

Artigas foi durante anos um militante do Partido Comunista Brasileiro tendo sido perseguido pelo regime militar por suas idéias e preso e exilado para o Uruguai em 1964, ano da instauração da ditadura. Foi afastado da FAU pelos militares inicialmente em 1964 até 1967 e de novo pelo AI-5 em 1969 até 1979. Artigas é um dos primeiros arquitetos brasileiros a atacar abertamente a nova arquitetura que se praticava internacionalmente e escreveu em seu polêmico texto "Caminhos da arquitetura brasileira" de 1952: "A arquitetura moderna, tal como a conhecemos, é uma arma de opressão, arma da classe dominante, uma arma de opressores contra oprimidos." (apud Kamita, 2000:7).

O próprio Kamita lembra: "Um ano antes, Artigas já havia desferido ataques ao mestre franco-suíço em 'Le Corbusier e o imperialismo', criticando a sua pretensa posição de intelectual 'livre e apolítico', que inventou o Modulor acreditando que ele pudesse superar os dois sistemas de medidas de comprimento existentes - o pé/polegada e o métrico decimal - , e assim unificar e incrementar a produção. Não faz mais de que se pôr a serviço do imperialismo americano, conclui o arquiteto brasileiro." (Kamita, 2000:7)

21

22

23

Nesta posição radical do Artigas é possível traçarmos uma origem do conflito ainda inacabado entre profissionais e pensadores de esquerda, muitos dos quais entre os mais brilhantes membros da comunidade artística e arquitetônica nacional, e aqueles que reconhecem a relação entre modernidade e a forte expansão do capitalismo internacional, liderada pelos EUA.

Curiosamente Artigas esteve no Massachusetts Institute of Technology e em contato com vários arquitetos contemporâneos nos EUA (Frank Lloyd Wright e Richard Neutra) e ainda visitou a China e a União Soviética nesta época. Voltou muito frustrado destes dois países, percebendo que a arquitetura que se realizava nos dois colossos comunistas era de mau gosto e ultrapassada, mas sem que isso mudasse suas convicções políticas, às quais se manteve fiel até o final da vida, como é o caso do próprio Niemeyer.

24

Com a crise política que se instaurou no Brasil antes e ao longo do ciclo do regime militar, apesar do forte crescimento da economia (especialmente no período 1970 - 1973, quando as taxas de crescimento foram da ordem de 14% ao ano, atraindo investidores estrangeiros e com o país obtendo crédito fácil no exterior), o país se viu afastado do desenvolvimento de um segundo ciclo de internacionalização da arquitetura, com a ascensão do *Post-Modern*, ou Pós-Modernismo, no qual uma forte revisão dos cânones modernistas foi realizada nos países centrais, com o aparecimento de novas lideranças intelectuais no cenário global, que impuseram aos arquitetos modernos como Niemeyer um certo afastamento dos palcos mais iluminados da produção internacional.

Mesmo assim, coube ainda ao arquiteto paulistano Fabio Penteadó um resultado brilhante por ocasião da Primeira Quadrienal Mundial de Teatro de Praga realizada em 1966: Penteadó recebeu o primeiro prêmio e a medalha de ouro por sua proposta para o teatro de Ópera de Campinas exposta na sala da Brasil, com promoção pelo Itamaraty e a Fundação Bienal, entre 28 países expositores. E a Paulo Mendes da Rocha um outro excelente resultado - uma menção honrosa - em concurso internacional promovido pela UIA para o Centro Beaubourg em Paris, em 1968, vencido pelos arquitetos Richard Rogers e Renzo Piano, hoje um marco da arquitetura moderna parisiense.

Como disse em um palestra oferecida na Universidade de Hong Kong em 1998 e mais tarde publicada na Espanha: "Em 1984, o regime militar terminou seu ciclo e o poder voltou aos civis. Apesar da principal produção arquitetônica no Brasil seguir princípios racionalistas e funcionalistas, durante os anos 80 uma reação ocorreu no país, alimentada talvez pelo desencantamento com o modelo econômico e sua crise crescente, e também com a percepção de que a arquitetura dita moderna estava falhando no nível do urbano e em aspectos econômicos, técnicos e de conservação.

A minha própria casa (fig.24), que é uma de duas casas conjugadas por uma garagem comum, projetada e construída na virada da década de 80, constitui-se numa das primeiras manifestações de que os dias da hegemonia modernista haviam (talvez

temporariamente) passado. Atenta aos ventos que sopravam de fora, a casa apresenta uma volta à simetria e referências históricas, tanto clássicas como regionais, como a fachada urbana contínua, as linhas alternadas dos tetos, típicas das casas coloniais e habitação proletária do início do século em São Paulo." (Padovano, 1998:47)

Inaugurou-se então um campo mais aberto e transparente de posições diferentes, sob a égide de um pluralismo arquitetônico, que acompanhou a própria abertura democrática que o país foi vivenciando. Como colocou bem Maria Alice Junqueira Bastos: "Este antagonismo 'moderno' versus 'pós-moderno', embora superficial em termos arquitetônicos, acabou por tornar geral uma revisão da arquitetura moderna brasileira que alguns arquitetos, na sua prática, já vinham ensaiando ao longo dos anos 70. Nessa revisão cristalizou-se a idéia de um atraso conceitual da arquitetura moderna brasileira em relação ao cenário internacional de arquitetura. Atraso este devido não só ao regime político de exceção, mas a características intrínsecas à própria arquitetura brasileira" (Bastos, 2003)

Nesta fase da arquitetura mundial, na qual os novos nomes foram aparecendo, como os de Aldo Rossi, Louis Kahn, James Stirling e Robert Venturi, entre muitos outros, o Brasil não produziu um talento equivalente ao do Niemeyer, ou ao menos nos olhos da crítica internacional, o que em parte pode explicar este 'sumiço' da arquitetura brasileira do cenário global, especialmente durante as décadas de 70 e 80, até meados dos anos 90, quando, novamente reapareceu um interesse da mídia internacional nas realizações brasileiras recentes.

Com a redemocratização do país, a volta de arquitetos exilados ou afastados de suas funções acadêmicas (como Artigas, Jon Maitrejean e Paulo Mendes da Rocha à FAUUSP em 1979, sendo reintegrados ao corpo docente em 1980), e uma mais livre circulação de idéias, o país se volta novamente para uma atenção maior ao desenvolvimento mundial da arquitetura, com a retomada das Bienais Internacionais de Arquitetura em São Paulo, o convite a arquitetos de renome internacional, como Peter Eisenman, Bernard Tschumi, Zaha Hadid entre outros, distinções em concursos internacionais, realização de encontros entre arquitetos latino-americanos (SAL) e das escolas de arquitetura e urbanismo do continente.

Em 1986 uma promotora cultural francesa ativa no Brasil, Josette Mazzella di Bosco Balsa, articulou com o IFA Institut Français d'Architecture a realização de uma exposição sobre arquitetos brasileiros em Paris (fig.25) que levou à capital francesa exemplos da diversificada produção nacional, a partir de convites formulados pelos arquitetos Luís Espallargas Gimenez e Antonio Carlos Sant'Anna Jr. Participaram desta exposição Acácio G. Borsoi, Anne Marie Sumner, Archi 5 (Alder C. T Muniz, Bruno Fernandes, Octávio H. Reis, Pedro da Luz Moreira e Roberto de A. Nascimento), Bonilha/Sancovzky, Carlos Bratke, Carlos Maximiliano Fayet e Cláudio L. G. de Araujo, Croce /Aflalo/Gasperini, Eduardo L. P. R. de Almeida, Edson da C. Mahfuz, Eduardo Longo, Éolo Maia, Francisco de Assis C. dos Reis, Joaquim Guedes Sobrinho, Joan Villá, José Paulo de Bem, Luís Fisberg e Marília Sant'Anna, Luiz Paulo F. Conde, Magalhães/Barros/Petrik/Pozzana, Coelho/Jamel, Marcos de Azevedo Acayaba, Maria Josefina Vasconcellos, Padovano/Vigliecca, Pileggi/Oliveira, Raul di Pace, Roberto Loeb, Paternostro/Sotomayor,

25

26

Ramalho/Oba/Zamoner, Reiner/Camps, Risi/Nogueira, Sant'Anna de Almeida/Fisberg, Severiano M. Porto e Sylvio E. de Podestá.

Em 1988, ano da morte de Artigas, este recebeu o prestigioso prêmio Auguste Perret pela UIA durante o 15º Congresso Mundial de Arquitetura, realizado em Cairo poucos dias após sua morte, no mês de janeiro, aos setenta e três anos. A morte de Artigas privou certamente o país de uma personalidade carismática e com projeção internacional, que teria sem dúvida ajudado o Brasil a ter maior presença no cenário global, uma vez que há um retorno generalizado às raízes modernas na produção internacional de vanguarda, o 'neo-modernismo'.

Ao longo da década de 80 ocorreu uma nova mudança paradigmática na produção mundial (minimalismo e desconstrutivismo) que teve entre suas raízes o modernismo dos pioneiros modernos e da segunda geração de expoentes deste movimento internacional. A arquitetura de Niemeyer voltou a ser referência mundial, por sua linguagem de assumida liberdade formal e originalidade, no momento em que o conceito de 'Modernidade inacabada' do filósofo Jürgen Habermas recolocou os modernos em destaque novamente, após o intervalo pós-moderno.

Esta situação internacional mais favorável ao experimentalismo de arquitetos como Peter Eisenman, Rem Koolhaas, Bernard Tschumi, Frank Gehry e Zaha Hadid e a retomada do minimalismo miesiano pelo arquiteto japonês Tadao Ando trouxe à tona a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, um arquiteto moderno brasileiro que se destacou no cenário nacional através de uma produção singela e sofisticada, que lhe rendeu magníficas distinções internacionais, como o prêmio da Fundação Mies van der Rohe pela obra da Pinacoteca de São Paulo (fig.26), no final dos anos 90, e finalmente o Pritzker, em 2006, considerado o Nobel da arquitetura por seu grande prestígio mundial.

27

Este segundo Pritzker para o Brasil (anteriormente Oscar Niemeyer havia recebido esta mesma distinção) colocou o Brasil entre poucos com mais do que uma única representação, um justo reconhecimento, mesmo que um pouco tardio, à grande contribuição dos mestres brasileiros à arquitetura internacional nas décadas de 40, 50 e 60.

A partir do início dos anos 90 os arquitetos brasileiros começaram a atrair novamente a atenção internacional, mesmo que o cenário global fosse dominado pela produção divulgada mundialmente através de revistas, livros e pela Internet de grandes escritórios de arquitetura dos EUA, Europa e Japão, e 'estrelas internacionais', entre os quais nenhum brasileiro em especial.

Uma exceção pode ter sido, neste contexto, o trabalho do arquiteto paisagista Roberto Burle Marx, que há décadas vem sendo considerado um dos maiores expoentes do paisagismo internacional. Falecido em 1994, Burle Marx recebeu em 1990 o Prêmio

Leonardo da Vinci e seu escritório foi convidado a participar de vários projetos no exterior, como o parque (fig.27) em Kuala Lumpur, aos pés das Torres Petrona do arquiteto argentino Cesar Pelli.

Entre os poucos destaques da década, em 1997/98 os arquitetos paulistanos formados na equipe de Lina Bo Bardi (que por sua vez teve sua obra divulgada internacionalmente pela Fundação Lina Bo e Pietro Maria Bardi), Marcelo Ferraz e Francisco Fannucci, diretores da empresa Brasil Arquitetura e da Marcenaria Bocáina, venceram uma concorrência latino-americana para a re-qualificação arquitetônica do Bairro Amarelo em Berlim, na Alemanha (fig.28), uma obra realizada de grande significado social.

No campo urbanístico, a cidade de Curitiba começou a obter reconhecimento internacional pelo competente trabalho realizado por vários arquitetos, urbanistas e paisagistas sob a coordenação do também arquiteto e urbanista Jayme Lerner, que foi prefeito da cidade e governador do Estado do Paraná, para em seguida exercer pela primeira vez na história a presidência brasileira da União Internacional de Arquitetos. Propostas urbanísticas inovadoras como os corredores de ônibus urbanos, com a solução do 'Ligeirinho' (fig.29), além de uma forte preocupação com o meio ambiente, tem levado Curitiba para uma notável presença internacional.

Em licitações internacionais, há o importante exemplo no início da década de 90, da participação da equipe de arquitetos (da qual tive a satisfação de fazer parte) liderada pelo professor titular aposentado da FAUUSP, Joaquim Guedes Sobrinho, para a área da antiga fábrica Pirelli na Bicocca em Milão, Itália, num certame internacional que reuniu grandes nomes da arquitetura mundial, como Vittorio Gregotti, Richard Meier e Frank Gehry. O trabalho de Guedes foi muito elogiado, apesar da vitória final ter sido do próprio Gregotti.

Em concursos internacionais recentes dois destaques importantes: uma menção honrosa no concurso internacional para o Museu de Cairo (fig.31) e a indicação entre seis finalistas no concurso internacional da Biblioteca do México pelo escritório do meu ex-sócio Hector Vigliecca, um arquiteto e urbanista uruguaio radicado no Brasil, demonstrando que os arquitetos brasileiros devem insistir em participar destes certames internacionais, na busca de resultados que possam lançar nomes locais no cenário dos grandes nomes internacionais, (muitos dos quais surgiram a partir de vitórias em concursos realizados pela UIA.

Um outro campo no qual os arquitetos e outros profissionais de projeto em áreas correlatas têm brilhado internacionalmente é o design. Produtos assinados por designers brasileiros como Sérgio Rodrigues (com sua premiada Poltrona Mole), os irmãos Campana (Fernando é arquiteto e Humberto advogado, desenhando e produzindo produtos instigantes como a Poltrona Favela) e o arquiteto carioca Índio da Costa (que recebeu um prêmio internacional recentemente promovido pela empresa Handitec por um modelo de carteira escolar) vêm fazendo sucesso no sofisticado mundo do design internacional, numa área

32

bastante relacionada à arquitetura, a de interiores.

O escritório paulistano de arquitetura Botti/Rubin Arquitetos, que participa também do grupo BAG (falarei mais sobre isto no capítulo 6), foi recentemente contratado pela empreiteira brasileira Odebrecht para um conjunto de edifícios residenciais em Luanda, Angola (fig.32), mostrando que há grandes possibilidades para os profissionais brasileiros em países que foram colônias de Portugal e que portanto dividem raízes culturais semelhantes. No entanto, é necessário o Brasil se cuidar da forte entrada da China no continente africano, visto pelos chineses como um dos seus grandes mercados consumidores e fornecedores de matéria prima, algo que a própria Odebrecht experimentou com a perda do projeto e construção do aeroporto internacional de Luanda para uma empresa chinesa.

33

E, ainda, há a excepcional contribuição de Oscar Niemeyer, que aos 99 anos de idade está com vários projetos no exterior, mesmo que em alguns destes tenham ocorrido problemas com profissionais locais. Como relatado pelo DW - World. De. Deutsche Welle: "Oscar Niemeyer estava recepcionando Felipe, o Príncipe de Astúrias, quando o chefe da Superintendência de Planejamento da Prefeitura de Potsdam, Peter Paffhousen, chegou a seu escritório no Rio de Janeiro para negociar a diminuição dos custos do projeto do complexo aquático de lazer para a capital de Brandemburgo. Infelizmente, os problemas envolvendo o projeto de Potsdam não pararam só nos custos. Em meados de julho, a Câmara de Arquitetos de Berlim, juntamente com a de Brandemburgo, entrou com queixa junto à fiscalização municipal, ao Tribunal de Contas do Estado e à Comissão Européia contra o projeto de Oscar Niemeyer, cujo financiamento depende em grande parte de verbas estaduais e da União Européia. Os arquitetos se baseiam em uma cláusula da legislação que regula a contratação de profissionais liberais na Alemanha, pela qual nenhuma obra pública poderá ser contratada sem licitação ou concurso, com exceção de obras de valor artístico notáveis. Os arquitetos alemães parecem não querer reconhecer as qualidades artísticas do projeto do grande mestre e querem agora embargá-lo". (De-World, 2005) (fig.33).

Sem desmerecer a importância da penetração mediática no mercado global do nosso mais reconhecido e festejado arquiteto, é bem possível que a verdadeira ampliação de mercado para os arquitetos brasileiros no mundo globalizado seja conseguida através de um trabalho em maior cooperação com os profissionais dos outros países, como tentarei demonstrar no último capítulo da tese.

Enfim, por todas as razões aqui expostas, a arquitetura brasileira contemporânea tem certamente um lugar de grande destaque potencial no plano mundial, mas terá que ser mais bem divulgada e apreciada pela comunidade internacional, em busca de contratações por grupos econômicos nacionais e multinacionais, além de governos e órgãos públicos de outros países, e estabelecer novas formas associativas com outros profissionais estrangeiros e o capital transnacional para efetivar sua mais efetiva participação no mercado global, como discutirei no quinto capítulo da tese.

Após analisar o mercado chinês e minhas experiências acadêmicas e profissionais naquele país, voltarei a fazer considerações sobre caminhos possíveis a serem seguidos para que os arquitetos e urbanistas brasileiros tenham mais espaço não somente naquele gigante asiático mas no mercado global como um todo.

3 Globalização e a arquitetura na China

3.1 A globalização e a economia chinesa

“Os chineses apreciam nossa exigência com os detalhes. Estão encantados com nossos edifícios em Basileia e acham que deveríamos construir algo parecido em seu país; se isso é possível, é outra questão”.

Jacques Herzog, arquiteto suíço.

Segundo Vijay Govindarajan e Anil K. Gupta "Globalização pode ser definida de diversas maneiras dependendo do nível escolhido. Podemos falar de globalização do mundo como um todo, de um país específico, de uma indústria específica, de uma única empresa ou mesmo de uma linha particular de negócios ou atividade dentro de uma empresa." (Govindarajan e Gupta, 2001: 04)

Falar portanto de um tema complexo e abrangente como a globalização na arquitetura da China é entrar numa discussão bastante ampla e ao mesmo tempo específica, na qual é fácil cometer erros de julgamento. Isto se deve a vários fatores, como a informação muito limitada sobre questões importantes para os campos da arquitetura e o urbanismo tais como:

- informações mais detalhadas sobre a atividade da construção civil na China;
- práticas profissionais da arquitetura chinesa;
- leis e regulamentação profissional que dirigem as atividades de prestação de serviço em arquitetura e urbanismo (e áreas afins) naquele país;
- vantagens e desvantagens, como de experiências em geral, de escritórios ou empresas de arquitetura e urbanismo estrangeiras que operaram ou operaram na China;
- processos de mutação de linguagens projetuais ante a China pré-globalização e a atual.

No entanto, existe e vem sendo divulgada internacionalmente uma vasta produção de projetos públicos e privados realizados por profissionais estrangeiros na China, facilitada por normas que permitem e até incentivam a participação de profissionais e empresas estrangeiras na economia chinesa, seguindo o degelo nas relações políticas e econômicas com o Ocidente promovido pelos dirigentes chineses a partir do final da década de 70, com a intensificação deste processo nos anos 80 e 90 até a atual década, que impulsionaram o impressionante crescimento da economia chinesa nos últimos 30 anos, incluindo a absorção da pujante economia de Hong Kong (fig.34).

34

Neste capítulo tentarei discutir estas parcas informações, tentando estabelecer um panorama de referência para a atuação de tais empresas no setor de serviços da economia chinesa, a que mais cresce no mundo e cuja pujança está baseada em boa parte na nossa área de atuação profissional: a construção civil.

Como relata Cláudia Trevisan: "Na China tudo tem a medida de seu 1,3 bilhão de habitantes, a maior população do mundo, equivalente a um quinto das pessoas que cobrem o planeta. Quando essa massa humana se move, os tremores que provoca se propagam a milhares de quilômetros de distancia e ela nunca se movimentou tanto quanto nos últimos 27 anos, período no qual a China liderou o ranking do crescimento global, multiplicou por quatro o tamanho de sua economia, tirou milhões de pessoas da pobreza e promoveu o mais intenso processo de urbanização já visto na História." (Trevisan, 2006: 23) As vistas diurna (fig.35) e noturna (fig.36) de Xangai representam adequadamente esta constatação.

A mesma autora apresenta um quadro interessante do boom imobiliário vivido pela China (fig.37), a partir de uma sua permanência de 12 meses na China: "Quando mudei para o apartamento em que ficaria na minha temporada em Pequim, vi o início da terraplenagem de um megaempreendimento imobiliário localizado do outro lado da rua de meu condomínio - ele próprio um projeto imobiliário de porte significativo, com dez prédios dispostos ao redor de uma praça particular. Nove meses depois de minha instalação, os oito edifícios residenciais do empreendimento já recebiam o acabamento final e em poucas semanas poderiam começar a ser habitados. Enquanto isso, continuaram as obras do restante do projeto, que inclui shopping center, dois hotéis de luxo, restaurantes e lojas. Depois de presenciar essa exuberância de concreto e aço, levei um susto, no meu retorno ao Brasil, ao ver que edifícios que estavam em construção meses antes de minha partida ainda estavam em obras e assim ficariam por um bom tempo. Na China, não se constrói um único prédio de apartamentos, mas verdadeiros conglomerados, que alimentam em tempo recorde uma febre imobiliária que muitos consideram envolta em uma perigosa bolha. Os guindastes são presença constante em todas as grandes cidades. É difícil andar dois minutos de carro em Pequim sem encontrar uma obra de construção civil. Pessoas que ficam dois anos sem visitar a cidade dizem que tem dificuldade em reconhecer determinadas regiões quando retornam. Bairros inteiros são demolidos para a construção de avenidas e novos prédios, enquanto milhares de camponeses invadem a cidade para preencher os postos de trabalho da construção civil - processo que se repete em todos os grandes centros urbanos do país. Em muitas construções, os turnos são ininterruptos e os operários trabalham à noite, iluminados por imensos holofotes fixados aos guindastes. Moram em alojamentos apinhados de outros camponeses, ganham algo entre US\$ 50 e 100 por mês, não têm descanso remunerado nem assistência médica, mas continuam a chegar, empurrados pela falta de trabalho no campo. Todas as grandes redes internacionais de hotéis fincaram suas bandeiras na China e expandem seus negócios em ritmo alucinante, para atender à demanda crescente de estrangeiros que visitam o país e dos próprios chineses, que têm cada vez mais dinheiro no bolso e crescente liberdade de locomoção. Até 2008, a China deverá ser o maior mercado para o Hyatt fora dos Estados Unidos. A rede tem cinco hotéis no país e mais doze em construção. A Starwood Hotels, que detém as marcas Sheraton, Westin e St. Regis, está levantando dezesseis hotéis na China, número que é só superado pelos projetos que possui nos Estados Unidos. O mesmo caminho é trilhado por outros cinco estrelas, como Marriott (fig.37) e InterContinental, todos de olho no inacreditável número de viajantes do país. Em 2004, 41,8 milhões de turistas visitaram a China, 27% mais do que no ano anterior - no Brasil, o número de visitantes gira em torno de 5 milhões ao ano. Os lançamentos imobiliários se multiplicam e atraem principalmente compradores chineses, que decidem de investir suas economias e usar os generosos financiamentos dos bancos públicos. Muitos compram os imóveis, alugam e utilizam o dinheiro para pagar as prestações do empréstimo. Do lado dos investidores, os chineses também dominam. Empreendedores imobiliários representam o setor com mais peso na lista dos quatrocentos chineses mais ricos em 2005 no Hurun Report. Eles correspondem a 28% dos citados na relação, seguidos dos industriais, com 21%. Em Pequim, a griffe de

38

maior destaque entre as construtoras é a Soho, fundada em 1995 pela chinesa Zhang Xin, 39, e seu marido, Pan Shiyi, 42. O casal revolucionou o modelo de edifícios residenciais e comerciais na cidade ao lançar o Soho New Town, em 1998, um conjunto de modernos prédios residenciais, cujos apartamentos também podem ser utilizados como escritórios, e um grande edifício comercial, que tem no térreo uma infinidade de bares, cafés e restaurantes. O sucesso foi surpreendente e os imóveis do empreendimento foram vendidos em poucos meses. A dupla repetiu o mesmo conceito no Jianwai Soho, uma floresta de torres de metal branco e vidro, onde o metro quadrado custava US\$ 2 mil em seu lançamento, em 2004. As vendas foram ainda mais rápidas e alguns edifícios tiveram todas suas unidades arrematadas em três dias. Quando estiver pronto, o complexo terá dezenove torres e uma área construída de 700 mil metros quadrados. Dos dezenove prédios, nove foram entregues em 2004 e ocupados imediatamente, enquanto os demais continuam a ser erguidos." (Trevisan, 2006:35-37)

39

Seria este crescimento vertiginoso sustentável? Mais uma vez, Trevisan comenta, a partir de suas observações in loco: "Os preços dos novos imóveis chineses são astronômicos para uma economia que tem renda per capita de US\$ 1,5 mil anuais, o que alimenta a suspeita de que o setor está inflando uma bolha, cujo eventual estouro poderá causar devastação comparável à de um tsunami. Em vários empreendimentos, o preço do metro quadrado ronda os US\$ 4 mil, valor comparável ao cobrado em Nova York, cidade com uma das mais altas rendas per capita do mundo. O economista-chefe do Morgan Stanley na Ásia, Andy Xie, está entre os que olham a economia chinesa com cautela e vêem no mercado imobiliário um dos seus mais preocupantes componentes.

A maioria dos compradores está em busca de um canal para investir seu dinheiro, em um país no qual o mercado acionário é incipiente e o sistema financeiro precisa se modernizar. A facilidade de obtenção de empréstimo para a compra de imóveis ameniza o impacto de altos preços. Os bancos financiam até 80% do valor do imóvel, em prazos que podem chegar a vinte anos, com taxas de juros inferiores a 6% ao ano.

40

Apesar de muitos verem uma bolha no mercado imobiliário chinês, poucos acreditam que ele irá estourar antes das Olimpíadas de 2008, para as quais a cidade de Pequim promove uma total remodelação de sua infra-estrutura urbana." (Trevisan, 2006:38-39) Parte desta remodelação diz respeito ao patrimônio histórico da capital chinesa, utilizando sempre os antigos sistemas de andaimes de bambu (fig.39), com sucesso turístico esperado para os jogos olímpicos de 2008 (fig.40).

Com relação a possíveis instabilidades do mercado chinês, o crítico da globalização neo-liberal James Petras alerta sobre o perigo de um novo processo de colonização da China por parte dos Estados Unidos, em sua mais recente investida imperialista: segundo Petras aos poucos a China irá se transformar de uma nação autônoma numa potência atrelada à economia americana, através de quatro estágios:

- tentação : quando se fornecem recursos emprestados em condições favoráveis e se cria dependência ao mercado;
- captura: criada a dependência dos centros financeiros centrais, a elite se torna corrupta e facilmente manipulada, perdendo

sua legitimidade política interna;

- crises: quando por falta de instabilidade no mercado global a mesma elite é forçada a tomar medidas impopulares, agravando a corrupção e a perda de legitimidade;

- estagnação: formação de um círculo vicioso que fragmenta a sociedade internamente e a deixa facilmente absorvida por fora.

Petras considera que a China se encontra no primeiro estágio e sugere uma guinada de volta ao modelo anterior aperfeiçoado através de uma "Renovação Socialista" sendo que a chave para realizar isto seria "the courage to systematically reject the premises, language and concepts of globalization and neo-liberal ideology... starting from the basic idea that the new strategy must be based on development from below and directed to the domestic economy. ("a coragem de rejeitar sistematicamente as premissas, a linguagem e conceitos da globalização e da ideologia neo-liberal... começando da idéia básica que a nova estratégia deve ser baseada no desenvolvimento de baixo para cima e dirigido à economia doméstica." - trad. do autor)" (Petras, 2000).

Infelizmente, onde tais medidas foram aplicadas no passado, e a própria China é um exemplo disto, houve progressos sociais mas baixíssimo nível de desenvolvimento econômico, um excesso de centralização institucional e autoritarismo político, e, no caso específico da própria China, até a trágica morte de dezenas de milhões de camponeses por desnutrição nos processos de coletivização da produção, com a correlata perda de legitimidade da elite que conduziu a revolução marxista de Mao Tsé Tung (fig.41).

Foi isto o que criou a necessidade desta mesma liderança comunista, frustrada com o baixo nível de desenvolvimento social e econômico que se traduzia na miséria de um bilhão de chineses quando comparando seu baixíssimo padrão de vida com a dos cidadãos de outros países asiáticos em processo de forte desenvolvimento (Japão, Coreia do Sul, Singapura, Taiwan), de procurá-la através da absorção das bem sucedidas formas do mercado multiplicar a riqueza, mesmo que isto tenha significado mudar o próprio conceito de sociedade, de uma reinada pela fórmula de igualdade a todo custo, que acaba nas conhecidas ditaduras de esquerda e no inevitável empobrecimento das oportunidades de evolução material, para uma nova, de diversidade e diferenciação, baseada no pluralismo, na descentralização econômica e na democracia política, mesmo que isto coloque em perigo o poder absoluto da 'velha elite'. O grande condutor da guinada de volta para o capitalismo foi o secretário-geral do PCC, Deng Xiaoping (fig.42), que, ao incentivar os chineses em 1978, para a busca da riqueza ("Enriquecer é glorioso"), retornou às tentativas anteriores, no final do século XIX e início do século XX, de introduzir idéias liberais por membros da burguesia urbana, críticos da velha oligarquia, numa China ainda atrelada aos valores imperiais, em forte decadência naquele momento histórico. Hoje, como relatou na Folha de São Paulo Geoff Dyer do Financial Times em Xangai, o ICBC (Industrial and Commercial Bank of China) ultrapassou o Bank of America (EUA) no ranking dos maiores bancos do planeta, instalando-se num surpreendente segundo lugar. (Dyer, 2007)

É difícil saber se em médio prazo isto vai significar a subserviência desta nova elite chinesa (composta pelos membros do PCC e

41

42

pela nova classe de empresários bem sucedidos) às potências econômicas ocidentais, ou se este processo vai acabar removendo de vez a classe dirigente comunista do poder (como ocorreu em vários países do leste europeu através da instauração da democracia e sua inserção no liberal mercado europeu), substituindo-a por uma nova elite que idealmente se basearia em seus reais méritos e competência na geração e na gestão da riqueza material e ao mesmo tempo promoveria o enriquecimento da população como um todo, com níveis cada vez mais elevados de progresso social e cultural. Provavelmente, num cenário mais realista, as duas elites, a velha e a nova, se misturarão por um tempo, num híbrido político que talvez permita o desenvolvimento capitalista da China com a salvaguarda dos progressos sociais alcançados na fase comunista de sua história recente, em bases sustentáveis, até que a economia chinesa se torne a maior do mundo (hoje está em quarto lugar).

Como escreveu Gilson Schwartz: "Definida como inevitável e irreversível, a globalização reservaria ao estado nacional um papel, no máximo, de coadjuvante. Não é o que ensinam as duas grandes potências médias vitoriosas na globalização, dos últimos 25 anos, China e Índia. Vencem porque têm projetos estratégicos, estatais ou nacionais, de desenvolvimento. O capitalismo organizado é o grande vencedor na guerra da globalização. As redes produtivas e de relacionamento de chineses e indianos, na Ásia e no Ocidente anglo-saxão, garantem a identificação e a exploração de oportunidades de investimento, colaboração e negociação." (Schwartz, 2006)

Graças ao seu atual modelo sócio-econômico, definido por Schwartz como de 'capitalismo organizado' a China tirou 400 milhões de chineses da miséria absoluta e já apresenta reservas de um trilhão de dólares americanos (contra os 78 bilhões no Brasil) e surge como uma superpotência exportadora de produtos manufaturados e importadora de commodities de países como o nosso, que apesar de se beneficiarem com o comércio aumentado, estudam salvaguardas econômicas para proteger seus setores industriais ameaçados pela importação de produtos semelhantes 'made in China' com preços muito inferiores aos nacionais. A construção civil chinesa absorve, por outro lado, boa parte das exportações de minério de ferro brasileiro, ajudando a manter equilibrada a balança comercial entre os dois países (figs.43 e 44).

Esses dados chamam a atenção. Ao analisar o que fazer com esta enorme reserva em dólares, que equivale a 40% do PIB, majoritariamente aplicada em ativos de baixo rendimento como os Títulos do Tesouro dos EUA, a jornalista Cláudia Trevisan escreveu recentemente no diário Folha de São Paulo: "Por enquanto, os dirigentes do país têm optado por medidas pouco drásticas para tentar reduzir o ritmo de crescimento das reservas. Entre elas, está a ampliação dos valores que os chineses podem enviar ao exterior ou destinar à compra de ativos em outros países. O aumento das importações é outra mudança que tornaria a vida do governo mais fácil. A China deve fechar este ano com superavit comercial próximo de US\$ 150 bilhões, quantia que supera de longe o recorde de 102 bilhões de 2005. Além de aumentar as reservas, o superavit crescente aumenta a tensão entre a China e seus principais parceiros comerciais, que pressionam pela valorização do yuan. Entre os caminhos para elevar as importações, está o aumento do consumo interno, um dos principais objetivos do governo para os próximos anos." (Trevisan, 2006)

Estas mudanças poderão ser insuficientes para acalmar os principais parceiros comerciais da China (os EUA e a UE), caso não

haja uma valorização do yuan. Alguns, como o Brasil, estudam aumentar os impostos sobre produtos importados daquele país. No entanto, como escreveu Charles Tang, presidente da CCIBC Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China (a mais antiga e melhor articulada das diversas câmaras que surgiram nos últimos anos no país): "Nosso clamor por defesas comerciais ofusca a verdadeira questão: corrigir as causas da nossa falta de competitividade. A China ou outras nações de baixo custo não deixarão de exportar, devem aprimorar sua eficiência e aumentar seu comércio exterior... no lugar de defesas, devemos exigir a criação de condições para a competitividade de nossa indústria, mirando como prioridade estratégica o desenvolvimento de um Brasil próspero." E ainda: "A China está se posicionando para investir cada vez mais no Brasil, não por promessas ou favores, mas para assegurar o fluxo regular dos produtos estratégicos de que necessita para seu crescimento sustentado e para a alimentação de seu povo. Todavia, a demora de anos para conseguir autorização ambiental e zoneamento municipal e a voraz taxaço sobre investimentos, como acontece com o projeto de instalação de uma usina siderúrgica no Maranhão, podem desanimar outros investimentos chineses." (Tang, 15/08/2006)

Exemplos da saúde importadora chinesa com relação á commodities e produtos industriais brasileiros é o aumento nas importações de minério de ferro (que elevou o preço do aço no Brasil afetando sua utilização na construção civil) e a compra de 100 aviões da Embraer para o grupo chinês HNA noticiado pela Folha de São Paulo em 31/08/06, em conformidade com o que o atual presidente chinês, Hu Jintao, disse em sua visita aos EUA em abril de 2006 (Estado de São Paulo, 20/04/06). Ao mesmo tempo, estende seus negócios em todas as áreas, como na aviação comercial, como demonstra a abertura recente de uma pioneira linha da Air China par o Brasil (Folha de São Paulo, 21/10/06).

Em artigo assinado por Kevin Morrison do Financial Times, este aponta o impressionante crescimento da produção de aço pelas siderúrgicas chinesas como um novo cenário para o setor de exportação de minério de ferro nacional: "A previsão é que a China importará 400 milhões de toneladas de minério de ferro em 2007, ante 330 milhões de toneladas em 2006. A maior parte do minério adicional deve vir do Brasil." (Morrison, 2006). Por outro lado, o jornalista Bruno Lima informa que uma montadora chinesa, a Chery, instalou-se no Uruguai mirando o crescente mercado brasileiro (fig.45). (Lima, 2006) A distância nos conceitos de desenvolvimento social e econômico entre as duas Coréias é hoje sintomática desta diferença entre as visões neo-socialistas (Petras) e neo-liberais (Tang), que a China sob nova gestão 'socialista de mercado' resolveu a favor do próprio mercado, mesmo que isto signifique constantes adaptações à nova realidade concorrencial. Isto tem afastado a China do papel de incentivadora de países comunistas, como Coréia do Norte, Vietnã e Cuba, mudando sua estratégia global para uma inserção cada vez maior nas regiões em desenvolvimento (Ásia, África e América Latina) e um bom relacionamento comercial com seus principais parceiros, os EUA. Um exemplo disto é o recente oferecimento de crédito pelo governo chinês aos países da África (fig.46) (McGregor, 2006).

Devemos lembrar que, apesar do forte crescimento das economias na região (especialmente nos países que abraçaram a economia de mercado) o contexto asiático apresenta indicadores sócio-econômicos muito defasados com relação ao resto do mundo, como relatado pela Folha de São Paulo em base a informações divulgadas pela OIT - Organização Internacional do

47

Trabalho: "...mais de dois terços (600 milhões) das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza - US\$ 1 diário - moram na Ásia. Caso o valor fosse aumentado para US\$ 2, cerca de 1,9 bilhão moraria na região - três quartos do total." (Folha, 29/08/06) Dentro deste contexto, o esforço hercúleo do atual governo da China para elevar o padrão de vida de 1,3 bilhões de pessoas é realmente digno de admiração mundial, e só seria mais virtuoso caso o país fosse dirigido por líderes eleitos democraticamente, o que representa ainda a grande incógnita sobre o futuro do colosso emergente.

No entanto, tensões sociais oriundas do desequilíbrio entre a China que vive o boom econômico e o restante da população, fazem-se sentir, também, e preocupam muito as autoridades chinesas. Por exemplo, o aumento da desigualdade (conforme artigo do Financial Times, 23/11/06), a falta de mão de obra numa população que envelhece rapidamente e que tem na política uma-família-um filho seu calcanhar de Aquiles já se faz sentir em cidades como Shenzhen, e a prostituição voltou a ser objeto de ações públicas punitivas (fig.47), com a execração pública de prostitutas nesta cidade, conforme relatos do jornalista Howard W. French do New York Times de Xangai (French, 2006), são aspectos que preocupam. O país continua líder mundial em execuções da pena capital, um outro lado sombrio e humanamente condenável da realidade chinesa.

48

A população aparentemente perdeu o medo de se expressar, porém, e nisto pode se encontrar o início de um processo que leve em breve à democracia na China, para o alívio do mundo livre. Como relatou Nicholas D. Kristof: "... manifestações de protesto estão se transformando em parte em rotina diária. Quando eu estava diante do Tribunal de 2ª Instância do Povo em Pequim, onde meu colega do New York Times estava sendo julgado por acusações inventadas de vazar segredos de estado, um grupo de agricultores apareceu brandindo bandeiras vermelhas e condenando o confisco de suas terras. Eles empurravam um homem de 80 anos numa cadeira de rodas que era suficientemente esperto para chorar sempre que uma câmara se aproximava." (Kristof, 2006)

Por outro lado, problemas seriíssimos de poluição ambiental foram divulgados por vários veículos internacionais, e por causa da queima de combustíveis fósseis (gasolina nas cidades e carvão, principalmente, utilizado para o aquecimento dos lares chineses e outros usos energéticos), a China ocupa um dos principais lugares no ranking mundial de poluidora do planeta (conforme relatado pelo jornalista F. Cavaleira do diário italiano Corriere della Sera, 2006, e pela Folha Ciência em artigo de 2006 que prevê que a China será o principal emissor de carbono no mundo dentro de três anos daquela data)(fig.48).

Por outro lado, o controle governamental da economia chinesa levanta também preocupações globais, especialmente entre seus vizinhos imediatos, como explicou Vinicius Torres Freire, em artigo em que discute problemas econômicos vividos pela vizinha Tailândia: "A China mantém sua moeda muito desvalorizada e jamais abandonou controles sobre a entrada de capital financeiro. A heterodoxia da China e dos EUA está na origem dos nervosismos monetários de agora. A China tem enormes superávits no comércio exterior em parte porque consumidores e governo dos EUA gastam demais. A China compra e empilha reservas a fim de evitar que o dinheiro advindo de seu enorme saldo comercial supervalorize sua moeda. Para completar o

círculo, cerca de 60% a 70% do US\$ 1 trilhão de reservas chinesas é investido em títulos da dívida dos EUA e em outros ativos denominados em dólar. Sem tal financiamento do déficit externo americano, o dólar cairia, os juros americanos subiriam e haveria problemas pelo planeta." (Freire, 2006). Isto pode explicar a simpatia com que setores dos EUA enxergam a China, como bem escreveu Leandro Karnal: "Com as reformas chinesas pró-capitalismo cada vez mais evidentes nas décadas de 1980 e 90, o governo americano foi estabelecendo uma aliança econômica que hoje é um dos grandes eixos da economia global. O crescimento do comércio tendeu a atenuar a tradição de crítica de Washington à ausência de direitos humanos." (Karnal, 2006)

Próprio de uma situação de opostos Yin-Yang, o sucesso da China causa de um lado admiração e excitação econômica, mas também temores internos e externos. Encontrar o equilíbrio neste novo cenário é certamente um dos grandes desafios da humanidade hoje, e não só dos chineses, que estão se tornando o epicentro de uma nova fase acelerada de globalização. No anexo 4, apêndice retirado do livro de Tom Chung, temos um quadro dos grandes números da economia chinesa, e de seus níveis de desenvolvimento sócio-econômico, o que permite avaliar o porte do desafio para o desenvolvimento deste gigantesco país, o de maior população do planeta, seguido por perto apenas pela Índia. Neste quadro, que se refere aos dados de 2004 e é portanto um pouco desatualizado, a posição da construção civil na economia chinesa é altamente significativa, perfazendo junto à indústria 52,9% do PIB chinês. (Chung, 2005:387-396).

Os impactos de uma economia geral tão pujante e tão persistente em suas altíssimas taxas de crescimento (bem acima da média mundial, ao redor de 5% ao ano), estão alterando drasticamente os cenários urbanos do país. Em seu artigo publicado na Folha e originalmente no 'El País', José Reinoso analisa a velocidade com a qual cidades inteiras vêm surgindo de pequenos centros urbanos para metrópoles, em poucos anos, como o caso extraordinário de Shenzhen (fig.49), uma cidade de pescadores em 1980 e hoje uma megacidade de mais de 10 milhões de habitantes. Reinoso escreve que "Tudo começou quando, em 26 de agosto de 1980, o governo central criou uma 'zona econômica especial' (ZEE) com a intenção de que servisse de laboratório para os experimentos de adoção do capitalismo e de abertura ao mundo de um país que, até então, vivia de costas para ele. Situada no sul da província de Guangdong e fazendo fronteira com a colônia britânica de Hong Kong, Shenzhen, na época, era bastante atrasada, enquanto Xangai gerava 40% da receita do Estado...nesta fase inicial, a maior parte do capital que foi para Shenzhen veio de Hong Kong, cujas empresas não hesitaram em atravessar a fronteira para beneficiar-se dos incentivos fiscais e vantagens para atrair investimentos do exterior. A maior parte das inversões multinacionais só chegou em meados dos anos 1990, quando Shenzhen já era uma cidade em pleno auge, e veio acelerar o boom da antiga cidade pesqueira. Instalaram-se na cidade fabricantes de produtos eletrônicos, farmacêuticos e materiais de construção. Os salários e o nível de vida dos habitantes da ZEE eram muito superiores à média chinesa." (Reinoso, 2006). Reinoso analisa também os impressionantes números desta nova potência econômica, que passou a exemplificar o modelo adotado em outras ZEEs no país, reconhecendo os méritos do planejamento urbano da megacidade, com grandes espaços verdes, a animação com os salários altos para a China pelos trabalhadores que ali afluíram de várias partes do país seguindo a

3.2 Os novos cenários urbanos e arquitetônicos da China contemporânea

50

instalação de uma poderosa máquina industrial que contrata especialmente mulheres (8 em cada 10 relógios do mundo são hoje produzidos em Shenzhen), mas também os efeitos nocivos da liberalização de costumes que a intensa urbanização provocou, com o surto da prostituição e a corrupção generalizada, aplicada até por taxistas que não usam seu taxímetro, aplicando valores não oficiais aos seus clientes.

Evidentemente, este ritmo de crescimento não passou despercebido aos olhos dos empresários norte-americanos e europeus que participaram imediatamente da abertura chinesa ao mercado mundial. Nos campos da arquitetura e urbanismo, esta atenção tem se traduzido em ações tanto no plano acadêmico como profissional.

Por exemplo, várias universidades de ponta dos Estados Unidos, atentas às mudanças nos mercados mundiais de trabalho e preocupadas com o número cada vez maior de estudantes estrangeiros matriculados em seus cursos de graduação e pós-graduação, vêm desenvolvendo pesquisas interessantes nos países emergentes através dos ateliês de projeto, colocando às classes de alunos compostas por norte-americanos e estrangeiros a possibilidade de conhecer e intervir nas diversas realidades do mundo.

51

Casos de interesse na China vêm sendo abordados por várias destas escolas, como é o caso de Princeton, por exemplo, que publicou um livro sobre um dos estúdios realizados recentemente em Xangai, que teve como co-participantes as universidades de Princeton, de Hong Kong e Tonji (Xangai) e a direção geral do professor de Princeton, o argentino Mario Gandelsonas, focalizando a área da antiga catedral católica de Xangai (figs.50 a 52). Outras escolas, como o MIT e Harvard, também conduziram estúdios semelhantes, sendo que no segundo semestre de 2006 a FAUUSP, junto ao MIT e a FAU Mackenzie, estudaram áreas centrais de São Paulo, numa situação análoga no Brasil da qual tive a oportunidade de participar.

52

No estúdio dirigido por Gandelsonas, o mesmo avança o interessante conceito de modernidade alternativa, assim entendida: "While support for the modernist project's claim to reinvent society and change the world has faded in the West, in China, where modernity is the focus of current reform, that project seems alive and well. Calling to mind the modernist zeal of the 1920's and 1930's, the revolutionary legacy that shaped much of China's twentieth-century imagination is still deeply embedded in China's social consciousness and plays a key role in the current development of a Chinese modernity. Put off by the universal claims of modernism in the industrialized West, however, China has been searching for an 'alternative modernity': that is, a modernity transformed to meet the particular cultural, political, and economic conditions that exist in China today. ("Enquanto o apoio à reivindicação do projeto modernista de reinventar a sociedade e mudar o mundo tem murchado no Ocidente, na China, onde a modernidade é o foco da reforma atual, aquele projeto parece estar em boa forma. Trazendo à memória o zelo dos anos 20 e 30, o legado revolucionário que formou boa parte da imaginação do século XX da China está ainda profundamente fincado na consciência social chinesa e tem papel chave no atual desenvolvimento de uma modernidade chinesa. No entanto, deslocada pelas reivindicações universais do modernismo no Ocidente industrializado, a China tem

procurado uma 'modernidade alternativa': isto é, uma modernidade transformada para englobar as peculiares condições culturais, políticas e econômicas que existem hoje na China. " - trad. do autor " (Gandelsonas, 2002:21-22)

Diria porém que o que move a China hoje não é tanto a questão da modernidade mas sim da modernização, que muitas vezes, no campo específico da arquitetura e urbanismo, apresenta fortes traços não propriamente de uma modernidade alternativa mas sim de um pós-modernismo globalizante e galopante, com alusões diretas aos elementos tradicionais da arquitetura chinesa clássica ou imitativos com relação aos estilos presentes em muita arquitetura neo-vernacular e neo-clássica em voga em bairros da classe média alta nos Estados Unidos (fig.53). O desejo de estar na crista da onda faz que muitos chineses endinheirados projetem suas fantasias consumistas em direção não tanto à seletiva e apurada linguagem purista/tecnológica do modernismo, mas sim à mesma nostalgia do passado que se encontra em muitos condomínios, fechados ou não, espalhados pelo mundo ocidental: uma espécie de saudade do império, curiosamente por parte de chineses que conheceram a decadência do seu próprio império e já foram colonizados no passado pelas potências ocidentais. Isto é relatado de forma muito clara em artigo do Reuters (2006) sobre a construção de uma cidade tipicamente inglesa perto de Xangai (fig.54).

Evidentemente, nas escolas de arquitetura e de urbanismo da China, há uma busca de atualização que traz os jovens arquitetos chineses a acompanharem com interesse os desenvolvimentos recentes da arquitetura de vanguarda internacional, e tentar absorver tais pesquisas formais e tecnológicas em seus projetos, uma vez que o estado chinês busca atualidade, abraçando desde a linha desconstrutivista do OMA, como no exuberante edifício para o Ministério das Comunicações em Pequim, até sofisticadas linguagens hi-tech de seus próprios talentos em ascensão, como para o edifício Digital Beijing (Pequim Digital), centro de controle dos jogos Olímpicos de 2008, dos jovens arquitetos do escritório chinês Urbanus (figs.55 a 57), educados nos Estados Unidos.

As primeiras escolas chinesas de arquitetura foram criadas por chineses que haviam estudado no Ocidente na passagem do século XIX para o XX. Mais tarde com a instauração do comunismo, a educação e prática profissional foram concentradas nestas escolas que se transformaram em institutos, que como escreveu Gandelsonas "...are still responsible for the design of most of the buildings and urban projects in China, performing the role of architectural offices in a country in which private offices either do not exist or have only recently been opened ("...são ainda responsáveis pela elaboração da maioria dos projetos de edifícios e urbanísticos na China, desempenhando o papel de escritórios de arquitetura num país no qual escritórios particulares ou não existem ou foram abertos apenas recentemente" - trad. do autor) (Gandelsonas, 2002:29)

Por leis estabelecidas pelo governo chinês, a presença de escritórios estrangeiros foi permitida nos últimos anos, e tornou-se obrigatório o convite a tais escritórios estabelecidos na China em concorrências a convite (e remuneradas) para edifícios e espaços de interesse público, como uma forma de elevar o padrão construtivo no país, obrigando os próprios institutos a acompanharem com atenção as novas tendências internacionais nos campos da arquitetura, paisagismo e urbanismo,

53

54

55

superando rapidamente o tipo de monumentalismo academicista próprio do stalinismo soviético que ainda norteia algumas das realizações recentes saídas destes institutos.

A empresa AMP Architecture of Metropolitan Post, com a qual firmei vários acordos de cooperação a partir de 2003 encaixa-se exatamente nesta nova legislação. Criada por um casal de chineses sem um vínculo direto com esta área de prestação de serviços, a empresa se apresenta como uma organização internacional por ter entre suas fileiras arquitetos estrangeiros formados em universidades ocidentais, e vem sendo convidada a participar de projetos e obras em todo o território chinês, através da posse de um certificado emitido pelo governo, que exige que tais empresas tenham uma sede na China, cobrando para tal uma taxa de US\$ 200 mil.

Evidentemente, este custo, proibitivo para a maioria dos escritórios e empresas de projeto no Brasil e mesmo de outros países em desenvolvimento, foi possível de ser enfrentado por grandes empresas norte-americanas (como SOM, Gensler, Arquitetônica etc.) ou por profissionais de renome internacional, que vem abrindo escritórios em território chinês para tentar abocanhar os imensos projetos privados e públicos que perfazem o cenário descrito anteriormente pela jornalista brasileira Cláudia Trevisan.

56

Provavelmente esta abertura fez parte de acordos de ampliação do comércio bi-lateral entre os próprios EUA e a China, e que incluíram o setor de serviços. É possível que, com o passar do tempo, o governo restrinja estas oportunidades para os profissionais chineses que estão se equipando com escritórios próprios e demonstrando grande capacidade projetual, como já ocorre há várias décadas em Hong Kong e Macau.

57

Como escreveu Serapião sobre este assunto: "O primeiro escritório chinês particular - Zuo Xiaosi Architect Design - foi criado em 1994. Nessa época, a atividade começou a ser regulamentada. Em 1995, mais de 9 mil candidatos inscreveram-se para o primeiro exame de qualificação profissional. No entanto, existem poucos escritórios privados: Pequim possui pouco mais de uma dezena. Um dos motivos desse número reduzido são os altos impostos profissionais. Mas há uma quantidade razoável de escritórios estrangeiros instalados no país. A China e os Estados Unidos possuem, desde 1995, tratado mútuo de reconhecimento de arquitetos. Os maiores escritórios do exterior, que há dez anos viam a China como mais um país asiático, atualmente têm grande parte de sua atenção e energia voltada para aquele país, de olho no grande mercado."

E ainda: "Na maior parte das vezes, os projetos são feitos em parceria entre institutos locais e estrangeiros, sobretudo europeus e norte-americanos. Provavelmente, a China seguirá os passos do Japão: primeiro, aprender com o estrangeiro; depois, copiar; em um terceiro momento, rejeitar e, em seguida, produzir algo em resposta ao período de aprendizado. Outra forma de influência encontra-se na formação: grande parte dos arquitetos chineses estudou ou especializou-se no Ocidente. O resultado

dessa produção começa a aparecer. A Bienal de Arquitetura de Veneza premiou, em 2002, um projeto de 11 casas e um clube, denominado Commune by the Great Wall, criados para os novos ricos chineses. A mídia especializada (revistas como a italiana Domus, a japonesa A + U, a espanhola 2G ou a norte-americana Architectural Record), por sua vez, vem publicando números especiais sobre a arquitetura no país. O destaque dessas edições pode ser dividido em dois pólos, numa espécie de combinação entre o efeito Bilbao - de edifícios emblemáticos - e o efeito Barcelona - de grandes eventos." (Serapião, 2004)

Segundo Serapião os nomes mais conhecidos desta produção recente chinesa são dos arquitetos Ma Qingyun, Liu Jiakun, Ai Weiwei, Wang Yun e Yung Ho Chang.

Um dos exemplos desta excelência chinesa é demonstrada pela arquitetura urbana desenvolvida pelo arquiteto e urban designer Rocco Yim em Hong Kong, um escritório que visitei em 2000 e que tinha na época cerca de 150 profissionais contratados pela sua empresa, a Rocco Design, sendo considerada de 'porte médio' em Hong Kong na época.

Autor de várias obras importantes em Hong Kong (fig.58) e na própria China (fig.59), que citarei no próximo capítulo, Yim se relaciona da seguinte forma com o 'momento globalizante', definindo-o assim: "Once, in an age less given to the universality of values and aspirations than ours, tradition shaped our lives, our lives shaped architecture, and architecture shaped our cities. This simple linear relationship vanished at some point during the last half century, and since then, an apparent identity crisis has tormented our collective consciousness. But if tradition is understood as a set of indigenous attitudes, responses and expectations pertaining to specific problems and challenges in a defined space-time, then it is not only obvious, nor perhaps necessarily regrettable, that the role it plays in our lives will diminish. On the threshold of a new millennium, problems and challenges have become global rather than local, such as the looming hegemony of technology, the irreversible depletion of natural resources and the artificial tempering of ecosystems. Feelings have become increasingly shared across boundaries, spurred on by an international and instantaneous information network. Most of us actually take pride in being part of the global community, considering ourselves modern cosmopolitan beings first, and Asians, or Chinese, second. Past tradition's influence on our way of living, therefore our architecture, lies no longer in the physical or ritualistic realm, but rather comes in the guise of a set of spiritual values and sensibilities, which is subtle rather than overt, felt rather than seen." ("Certa vez, numa época menos propensa para a universalidade de valores e aspirações do que a nossa, a tradição forjava as nossas vidas, as nossas vidas forjavam a arquitetura, e a arquitetura forjava as nossas cidades. Esta simples relação linear desapareceu em algum momento durante a última metade de século, e desde então, uma crise de identidade aparente tem atormentado a nossa consciência coletiva. Mas se a tradição é entendida como um conjunto de atitudes, respostas e expectativas autóctones pertencentes a problemas específicos e desafios num espaço-tempo determinado, então não é apenas óbvio, e nem talvez necessariamente lamentável, que o papel que desempenha em nossas vidas vai diminuir. No limiar de um novo milênio, problemas e desafios tem se tornado mais globais do que locais, como a hegemonia ascendente da tecnologia, o irreversível esgotamento dos recursos naturais e a manipulação artificial de ecossistemas. Sentimentos têm sido compartilhados cada vez mais entre fronteiras, alavancados por uma rede instantânea e informacional. A maioria entre nós na realidade se orgulha de

60

fazer parte da comunidade global, considerando a nós mesmos como cosmopolitas em primeiro lugar, e como asiáticos, chineses, em segundo. A influência de tradições passadas sobre o nosso estilo de vida, e portanto sobre a nossa arquitetura, não jaz mais no meio físico ou ritualístico, mas pelo contrário vem na forma de um conjunto de valores espirituais e sensibilidades, que é sutil no lugar de explícito, sentido mais do que visualizado." - trad. do autor) (Yim, 2002: 18)

61

E sobre a arquitetura por ele praticada, Yim eleva o urbano à posição de elemento estruturador da arquitetura, invertendo os antigos processo de se construir cidades através de edifícios: "Where once architecture gave shape to the city, it should now be shaped by the city. The identity of our architecture should be derived not from tradition as frozen fragments of history, but from on-going tradition as evidenced in our contemporary way of living, our current habits and our conscious response to the constraints, challenges and potentials posed by urban habitation; from the way the city works; either by intent or adaptation. Louis Kahn said that one should ask a building what it wants to be. Maybe we need first to ask the city, which now precedes architecture, what it wants its buildings to be...The public realm, functioning in that in-between, demonstrates a high degree of fluidity and elasticity, whether it be traditional forms such as streets, terraces and alleyways or contemporary spatial types like bridges, decks, galleria, atria, subways, what I call 'urban connectors', and is instrumental in making a city in this dense and apparently anarchic state function. ("Aonde a arquitetura dava forma à cidade, deveria agora ter sua forma definida pela cidade. A identidade da nossa arquitetura não deveria ser originada da tradição como fragmentos congelados da história, mas de um tradição em constante evolução como evidenciada pelo nosso estilo de vida contemporâneo, os nossos hábitos atuais e a nossa resposta consciente às limitações, desafios e potencialidades apresentadas pelo habitar urbano, da forma da cidade funcionar; tanto por intenção como por adaptação. Louis Kahn disse uma vez que era necessário perguntar aos edifícios o que queriam ser. Talvez nós precisamos perguntar primeiro para a cidade, que agora precede a arquitetura, como quer que os edifícios sejam...O meio público, funcionando no entremeio, demonstra o alto grau de fluidez e elasticidade, seja por meio de formas tradicionais como ruas, terraços e vielas ou por tipos contemporâneos de espaços como pontes, decks, galerias, átrios e metrô, que chamo de 'conectores urbanos' , e é instrumental para tornar a cidade nesta função estatal densa e aparentemente anárquica." - trad. do autor)" (Yim, 2002:19-20)

Este texto mostra, ao meu ver, a perfeita condição do arquiteto contemporâneo que, mesmo tendo as fortes influências de uma cultura milenar com a chinesa, se sente membro de uma comunidade global, e portanto aberto às influências internacionais e ao estabelecimento de uma nova 'linguagem universal', baseada numa intensificação da experiência urbana além de níveis inimagináveis até recentemente, pela própria experiência chinesa como um todo e a de Hong Kong em particular.

Nesta megacidade de mais de 8 milhões de habitantes os programas habitacionais nos Novos Territórios (fig.60) são realmente impressionantes. Desenvolvidos pela organização municipal The Hong Kong Housing Authority, que inclui todos os serviços que perfazem um processo de projeto e construção de edifícios e espaços urbanos (fig.61). Esta organização repassa trabalhos também para os escritórios particulares, como o de Rocco Yim, para atender a forte demanda de habitação de Hong Kong. Nos novos territórios os empreendimentos público-privados se baseiam em conceitos de alta verticalização acompanhada por

serviços e equipamentos sociais, servindo os grandes conjuntos construídos com transporte de massa e fácil acesso ao centros de Kowloon e de Hong Kong (ilha), como ao aeroporto internacional na ilha de Lantau, obra do escritório do renomado arquiteto inglês Lord Norman Foster. Desta forma não se pode falar de periferias urbanas, mas sim de um rede de tentáculos como os de um polvo, que estabelecem uma alta densidade e assumida urbanidade ao longo de seus longos eixos de penetração territorial.

Como disse K. S. Pun, Diretor Assistente de Planejamento do Territory Development Department da Hong Kong Housing Authority sobre 'Urban Design Considerations in Hong Kong New Towns': "In view of the high-density requirement in the new towns, high-rise development has become an essential visual element. Although practical circumstances in Hong Kong impose high-density on all urban development areas, much lower permissible buildings were, from the very beginning, set for the new towns, compared to existing urban areas, in the hope that this would result in a more attractive urban form. This has certainly been a factor for the better urban environment in today's new towns. Nevertheless, it is only one of a number of factors. Another very important one is the attention given, at least by some, to urban design, landscaping and the provision of an adequate environmental infra-structure, emphasizing a comprehensive development. (Em função das exigências de altas densidades nas cidades novas, o desenvolvimento imobiliário verticalizado tem se tornado um elemento visual essencial. Apesar de circunstâncias práticas terem imposto altas densidades em todas as áreas de desenvolvimento, densidades muito menos permissíveis eram aplicadas, desde o início, nas cidades novas, em comparação às áreas urbanas existentes, na esperança que isto resultaria numa forma urbana mais atraente. Isto tem sido certamente um fator que contribuiu para um meio ambiente urbano melhor nas cidades novas atuais. Mesmo assim, isto representa apenas um entre inúmeros fatores. Outro muito importante é a atenção dada, pelo menos por alguns, ao desenho urbano, paisagismo e a provisão de uma infra-estrutura ambiental, enfatizando o desenvolvimento abrangente. - trad. do autor)." (em Nan, 1989:33)

Este novo paradigma para expansões urbanas alia os conceitos de cidade compacta do arquiteto inglês Richard Rogers, explicitados em seu livro 'Cidades para um Pequeno Planeta' (Rogers, 2001) como em seu projeto para o centro de Pudong em Xangai (fig.62), com a das redes urbanas preconizadas pelo urbanista grego Georges Dioxiadis, desde os anos 60, aplicados em planos urbanísticos como o da Bahia da Guanabara. Trata-se efetivamente de uma contribuição inovadora ao campo urbanístico/arquitetônico, que deveria servir de referência para outras grandes áreas metropolitanas em processos de estruturação e re-estruturação, conforme descrevo no próximo capítulo com relação à experiência do projeto São Paulo Megacidade 2000.

Já na China, e mais especificamente Xangai e Pequim, dois centros igualmente passíveis de serem considerados laboratórios urbanos, a monumentalidade dos edifícios públicos ainda se apresenta como o paradigma dominante do desenho urbano oficial, como pode ser demonstrado por duas obras significativas, o centro de Pudong em Xangai (fig.63) e o novo Centro Olímpico de Pequim (fig.64).

Em ambos os casos a espetacularidade das edificações isoladas entre si se traduz num meio urbano fragmentado e pouco articulado, na contramão dos escritos e preocupações de Rocco Yim e das demais experiências urbanísticas em Hong Kong. Obras destinadas a projetar uma nova imagem da China como potência mundial emergente (o segundo Império), traduzem o gosto governamental por impactantes cenários urbanos baseados em 'produtos de excelência', uma clara metáfora arquitetônica dos anseios para uma produção igualmente qualificada do parque industrial chinês, que ainda emana produtos de qualidade inferior aos do Ocidente com preços baixos por causa dos sistemas ainda intensivos de mão de obra barata utilizados.

Da mesma forma, dentro deste urbanismo ainda fragmentado e imagético, oferecem-se amplas possibilidades aos arquitetos de griffe para exibir seu virtuosismo, como é o caso dos suíços Herzog e De Meuron no Estádio Nacional Olímpico ou do complexo projeto do escritório australiano PTW viabilizado pelo escritório de engenharia estrutural inglês Ove Arup para o Centro Aquático (fig.65). Obras primas pontuais, sem nexos espaciais ou articulações funcionais que possam iniciar um discurso de urbanidade conectiva, uma resposta muito mais adequada aos problemas do desenho urbano contemporâneo.

E o que chama atenção, como escreve Serapião, é o custo destas realizações: "Um dos mais notórios projetos em realização é o do Grande Teatro Nacional, situado em Pequim. O polêmico desenho, do francês Paul Andreu, foi alvo de ferozes críticas dentro e fora da China. Escolhido por meio de concurso, do qual Arata Isozaki foi finalista, entre outros 40 concorrentes, o prédio está implantado em local privilegiado, na avenida Chang An, em frente à Cidade Proibida. Com área de 150 mil metros quadrados, possui planta e cobertura circulares e parece estar ilhado. A cobertura de titânio e vidro abriga três salas (de ópera, concerto e teatro), com capacidade para 2 400, 2 mil e mil espectadores, respectivamente. A entrada é feita através de um túnel, abaixo da linha da água, com cobertura de vidro. O prédio, atualmente em construção, tem custo estimado em 365 milhões de euros (cerca de 1,35 bilhão de reais). Com quase o dobro do custo (600 milhões de euros, ou cerca de 2,22 bilhões de reais), igualmente emblemática é a sede da Central de Televisão da China, criada pelo escritório do arquiteto holandês Rem Koolhaas/OMA (fig.66). O projeto também foi escolhido por concurso, do qual participaram Toyo Ito (finalista), KPF, Dominique Perrault, SOM, Von Gerkan, Marg + Partner, além de três institutos locais. O conjunto será o primeiro de um total de 300 construções que formarão um novo distrito de negócios da capital chinesa. O programa foi dividido em dois edifícios: no primeiro, com 230 metros de altura e 405 mil metros quadrados, ficarão a administração e a produção de programas de TV. Ele tem formato estranho: combina duas torres interligadas na base e no coroamento de forma alternada, formando um vazio no volume. O segundo edifício, com 116 mil metros quadrados, abrigará hotel, centro de visitação, teatro e espaços de exposição." (Serapião, 2004)

Dentro deste contexto de monumentalidade um tanto anacrônica, os arquitetos brasileiros mais alinhados com os novos paradigmas da complexidade e da sustentabilidade, e experimentados em projetos urbanísticos e arquitetônicos mais articulados com a 'arquitetura da cidade', poderiam oferecer soluções mais condizentes com os reais problemas da China

urbana emergente, na medida em que o governo chinês estuda ampliar suas cidades para acomodar centenas de milhões de moradores no campo para a nova economia capitalista dos grandes centros e megacidades do país.

Como explica Serapião: "Na área da construção civil, a participação brasileira no boom chinês concentra-se na exportação de aço, uma vez que a China consome 20% da produção mundial. Ali, 36% das construções são feitas com aço, enquanto 55% utilizam o concreto. A Usiminas, a CSN e a Companhia Siderúrgica Tubarão já exportam para o país. Na grande comitiva que acompanhou a viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, em maio passado (composta de 400 empresários, sete governadores e cinco ministros), havia alguns representantes do setor. Mas e a prestação de serviços? A Mendes Júnior participou da construção de uma barragem na China, no final da década de 1990; e a Odebrecht, que já teve escritório no país, nunca conseguiu assinar um contrato lá. Executivos da construtora, que participaram da comitiva de Lula, estão de olho no potencial chinês. Com a baixa atividade da construção civil brasileira, os negócios da Odebrecht no exterior (principalmente em Portugal) têm importante participação no lucro da empresa." (Serapião, 2004)

Apesar dos laços históricos entre países de colonização portuguesa e a China (Macau - fig.67 - é uma ex-colônia lusitana a voltar sob o domínio da China na década passada) Brasil e China não têm tido maiores laços institucionais e profissionais nos campos da arquitetura, urbanismo e áreas correlatas. Na atual conjuntura de aproximação cada vez maior entre os dois países no plano econômico, este assunto deveria ser tratado com muita atenção, já que se tratam de áreas de conhecimento diretamente vinculadas aos modelos de desenvolvimento dos dois gigantes emergentes. Como não há precedentes, este trabalho por nos desenvolvido, por exemplo, pode ser considerado pioneiro e referencial para o processo de uma maior relação comercial entre profissionais e pesquisadores nestes campos. Ao mesmo tempo, é importante que os nossos profissionais conheçam certas maneiras de interagir com seus interlocutores chineses, baseando-se em conhecimentos oriundos de outras experiências empresariais que antecederam a nossa maior atuação na China.

Um dos problemas mais sérios a serem superados, como já disse antes, por arquitetos e urbanistas brasileiros interessados a exportar seus projetos para este país é a questão cultural, somada à psicológica e à comportamental, como explica em seu livro negócios entre Brasil e China o consultor de empresas Tom Chung: "...os empresários e governantes nacionais precisam superar uma grande barreira comum a todos os negócios internacionais: o abismo interpessoal criado pelas diferenças culturais, psicológicas e comportamentais entre esses dois países. As dificuldades com a língua chinesa não são responsáveis pelos conflitos, mas sim as diferentes maneiras de como os chineses e os ocidentais pensam. A falta de um modelo mental adequado para compreender e orientar as ações específicas para superar as diferenças culturais, é o verdadeiro fator envolvido nos conflitos e fracassos comerciais com a China." (Chung, 2005:10) Esta imagem da evidente tensão entre o presidente americano Bush e o atual presidente chinês Hu ilustra bem as dificuldades de comunicação que podem surgir entre as partes negociantes (fig.68).

3.3 Perspectivas para a arquitetura brasileira na China

67

68

Chung lista os fatores que podem representar sucesso ou fracasso nas relações comerciais com os chineses. Entre os principais fatores de sucesso ele cita:

- ". Atitude das empresas ocidentais (preparação, paciência e boa intenção com a China, baseados no bom conhecimento da cultura e dos costumes sociais chineses).
- . Sinceridade e integridade de intenções por parte da equipe de negociadores ocidentais.
- . Nível e qualidade de capacitação da equipe para um bom relacionamento pessoal (Guangxi).
- . Competência emocional e liderança em mudanças e na resolução de conflitos.
- . Nível de conhecimento da cultura e dos processos empresariais e legais da China.
- . Capacidade e disposição de oferecer produtos ou serviços de baixo custo. Exclusividade do produto.
- . Necessidade do nosso produto. Conhecimento dos processos legais e operações empresariais dos chineses.
- . Conhecimento da situação política e econômica chinesa.
- . Disposição em financiar as operações na China.
- . Uso eficaz de representantes e intermediários chineses.
- . Nossa disposição de comprar ou trocar produtos chineses (buyback)" (Chung, 2005:38-39).

Por outro lado, Chung cita também os fatores tradicionais que normalmente determinavam um fracasso nas negociações e atuação junto aos chineses:

- ". Falta de verba das organizações chinesas (economia muito centralizada pelo governo).
- . Falta de sinceridade do governo chinês nos acordos feitos.
- . Falhas de comunicação e conflitos de entendimentos." (Chung, 2005:39)

E, para os tempos atuais, Chung lembra que outros fatores devem ser considerados como possíveis causas de insucesso nas relações comerciais:

- ". Incapacidade em baixar os custos (em razão da grande competição internacional no mercado chinês).
- . Produtos oferecidos com muitos competidores fortes no mercado chinês.

- . Falta de preparação das equipes, tanto comerciais como operacionais, e de técnicos para lidar com a diversidade da China.
- . Falta de confiança e de sinceridade dos representantes do governo chinês. Parte disso está relacionada com a deficiência de um bom relacionamento com membros certos no governo, parte pela ausência de seriedade dos chineses com os contratos firmados, e parte pela desconfiança gerada pela corrupção.
- . Falta de habilidade na resolução de conflitos (diferenças e conflitos entre os estilos de negociação).
- . Indisposição em atender às exigências financeiras.
- . Falta de paciência da equipe para lidar com as idiossincrasias chinesas.
- . Falta de Guanxi.
- . Falta de um bom intermediário ou mediador chinês.
- . Problemas de compreensão entre diferentes línguas.
- . Falta de capacidade mental para lidar com o estresse. " (Chung, 2005:40)

Enfim, como citado pelo próprio Chung, há uma frase de Sun Tzu, o grande general chinês, que há cerca de dois mil e quatrocentos anos escreveu em seu famoso livro *A Arte da Guerra* algo que sintetiza a difícil relação comercial com os chineses, já que estes relacionam os negócios a condutas bélicas, onde o objetivo é vencer o adversário, e não compartilhar os benefícios de um negócio bom para as duas partes (fig.69): "Conheça o seu adversário; conheça a si mesmo; e a sua vitória estará garantida. " (Chung, 2005:85)

Há também sutilezas culturais que devem ser conhecidas pelos ocidentais, e brasileiros em particular. Por exemplo, a questão do Guanxi é muito importante, como Charles Tang me confirmou em nossos contatos na CCIBC. Chung a define como significando "....a influência da sua rede de conexões ou relacionamentos nos resultados profissionais ou sociais. O uso hábil de intermediários e amigos influentes facilita aos chineses a remoção dos obstáculos mais sérios das suas atividades ou negócios. " (Chung, 2005:99)

Mais do que o correlato ocidental de contatos pessoais, o Guanxi vai muito mais longe, na medida em que pode ser um fator excludente até da possibilidade de se realizar um determinado negócio, Quem não tem Guanxi estará irremediavelmente cortado na maioria das negociações, e conquistar esta forma de título entre os próprios chineses é algo demorado e nem sempre facilmente obtido. Antes mesmo de a negociação começar, este fator relacional pode ser essencial.

Portanto, pode ser fundamental utilizar o Guanxi de outro intermediário em tais circunstâncias, e é isso que os diretores das câmaras Brasil-China (hoje existem várias, nem todas confiáveis) oferecem aos seus associados que pretendem atuar

70

comercialmente com os chineses, já que se dizem portadores de Guanxi com autoridades públicas e empresários chineses. (fig.70)

Além de tais noções básicas, é importante saber o que vender aos chineses, e se o produto tem possibilidades de ser bem sucedido na China. Em termos de arquitetura há algumas dificuldades a serem superadas: a necessidade de um contato direto com os clientes, a proximidade aos locais de execução das tarefas de projeto e a necessidade de conhecimentos sobre as diversas situações a serem enfrentadas. Como realizar isto a milhares de quilômetros de distância, com os altos custos de transporte e de permanência na China?

Estas foram algumas das dificuldades que enfrentei nesta temporada chinesa. Não fosse, como relatarei a seguir, o apoio e a parceria com a empresa AMP, nada do que vai ser apresentado nos próximos dois capítulos teria sido possível. Portanto, a parceria com os próprios chineses, mesmo que difícil de ser realizada, é provavelmente um dos caminhos possíveis para que um arquiteto ou urbanista viabilize seu trabalho naquele país asiático.

Mas é bom também conhecer alguns dos campos nos quais a China sente dificuldade de encontrar técnicos habilitados, mesmo que já tenha sua própria expertise nacional e esteja recebendo a volta de jovens profissionais expatriados ou que foram estudar em universidades estrangeiras em países mais avançados. Neste sentido, diria que estes são temas de uma possível penetração de profissionais brasileiros:

- que exigem soluções arquitetônicas articuladas e tecnologicamente sofisticadas pela complexidade dos problemas envolvidos (por exemplo hospitais gerais, aeroportos, centros multiuso, edifícios corporativos avançados, etc.);
- que se referem à preservação ambiental e re-qualificação do meio ambiente urbano, através do planejamento e desenho urbano;
- que se referem à sustentabilidade e à apropriação inteligente dos recursos ambientais, combatendo problemas sérios como a insuficiência energética e a poluição ambiental, assuntos muito sérios hoje na China;
- que se referem às grandes necessidades de habitação urbana, já que a China está promovendo uma urbanização acelerada e a transferência de milhões de camponeses para os centros urbanos;
- que se referem ao patrimônio histórico, um aspecto no qual a China tem muito o que aprender com o Ocidente.

Uma advertência: atenção deve ser dada à questão do Feng Shui (pronuncia-se fong shei e em mandarim, significa vento e água), que, apesar de não ter o reconhecimento oficial dos governantes chineses, provavelmente por falta de embasamentos científicos que correspondam aos anseios do materialismo histórico propagado pelo Partido Comunista, continua sendo um aspecto importante da maneira dos chineses se relacionarem com os espaços construídos, em todos os níveis da sua sociedade.

Segundo comentários feitos por John Mitchell ao trabalho pioneiro de Ernest J. Eitel, realizado ainda no século XIX, ele assim define o Feng Shui: "The art of perceiving the subtle energies that animate nature and the landscape, and the science of reconciling the best interest of the living earth with those of all its inhabitants. (A arte de perceber as energias sutis que animam a natureza e a paisagem natural, e a ciência de reconciliar os melhores interesses da terra viva com aqueles de todos seus habitantes. - trad. do autor)" (Eitel, 1987:78).

Os chineses mais sofisticados poderão demonstrar certo desinteresse pelo Feng Shui, a ponto de até tornar os ocidentais pouco preocupados com isto, mas a minha experiência demonstrou ser um assunto importante, que não deve ser desconsiderado. (fig.71)

Na realidade, como membros de uma cultura muito antiga e ao mesmo tempo muito avançada no passado (grandes invenções como a pólvora, a seda, o arroz e a própria acupuntura são atribuídas aos chineses, além de uma arquitetura tradicional das mais belas já produzidas pela humanidade, fig.72), os chineses tem raízes culturais fortes e uma sensibilidade muito grande à paisagem, como pode ser percebido em suas obras de arte tradicionais.

Ao mesmo tempo, tem anseios de se tornar cidadãos de um país de ponta, e abraçam com muito entusiasmo (às vezes até em excesso) as novidades que se originam no mundo ocidental.

Cientes de seus complexos problemas, tem demonstrado muito interesse na questão paradigmática, como na evolução dos conceitos da Complexidade e da Sustentabilidade, um termo que surgiu várias vezes nos programas que recebíamos das autoridades públicas para os projetos a serem realizados.

No próximo capítulo discuto a minha experiência de arquiteto e urbanista de formação ocidental no contexto de projetos públicos na China, tentando demonstrar a necessidade da introdução destas inovações paradigmáticas na arquitetura realizada no país, como um ponto de partida para uma maior participação no empolgante panorama da construção civil daquele país por parte dos nossos profissionais.

71

72

4 Uma experiência profissional na China

4.1 A minha Ásia: Primeiros passos

"La progettazione non è un fenomeno isolato, essa coinvolge tutta la nostra vita ed è a sua volta influenzata da tutto ciò che conosciamo, sentiamo, valutiamo, esprimiamo e facciamo. Ciò che dà origine alla progettazione non è una curiosità intellettuale, ma il fatto e l'esperienza di essere chiamati a rispondere a bisogni umani in termini di organizzazione dello spazio, correlati in maniera responsabile e partecipata all'esistenza di coloro che vivranno in questi spazi progettati."

"O projeto não é um fenômeno isolado, este envolve toda a nossa vida e por sua vez é influenciado por tudo aquilo que conhecemos, sentimos, avaliamos, exprimimos e fazemos. O que origina o projeto não é a mera curiosidade intelectual, mas o fato e a experiência de sermos chamados a responder às necessidades humanas em termos de organização do espaço, relacionadas de forma responsável e participada com relação à existência daqueles que viverão nestes espaços projetados." (trad. do autor)

Cesare Blasi e Gabriella Padovano
Complessità e Progetto, 1997:14.

73

Para que eu pudesse finalmente adentrar o território chinês no início de 2000 o caminho foi longo e posso dizer que começou mais de quinze anos antes, ainda nos anos 80, quando conheci em São Paulo o colega japonês Hiroo Nanjo (fig.73), que já há alguns anos vivia no Brasil com sua família (a esposa Miho e dois filhos nascidos aqui). Nanjo havia se formado na Universidade de Tóquio e, em função de sua grande admiração pela arquitetura brasileira, tinha optado por começar sua carreira no Brasil, mais especificamente em São Paulo, onde inicialmente havia trabalhado com o escritório Croce, Aflalo e Gasperini Arquitetos e mais tarde com o arquiteto e professor da FAUUSP Joaquim Guedes, cuja obra muito o influenciou.

74

Logo depois de nosso encontro, Nanjo retornou ao Japão, onde abriu seu escritório, iniciando uma bem sucedida carreira profissional em seu escritório de Tóquio, com trabalhos naquele país e na própria China. Em Tóquio ele era conhecido como o 'Nanjo do Brasil', por causa de sua experiência aqui e seu interesse em manter vivos seus contatos com os colegas brasileiros, e uma vez que havia outro Nanjo atuando na arquitetura japonesa. Os nossos contatos haviam sido muito restritos até então e se intensificaram em função da promoção pela prefeitura local no ano de 1989 do grande concurso internacional para o Fórum Internacional de Tóquio, cujo custo havia sido previsto em US\$ 1 bilhão, com prêmios altos para os mais de dois mil concorrentes que se inscreveram no certame.

O concurso chamou a atenção do meu escritório, que dividia na época com o colega uruguaio radicado no Brasil, Hector Vigliecca, e resolvemos participar deste, com a ajuda financeira do colega da FAUUSP Edo Rocha, que viabilizou a nossa inscrição e efetiva elaboração da proposta enviada. (fig.74) Para uma mais qualificada participação contratamos arquitetos conhecidos do Hector, entre os quais um perspectivista exímio que montou todas as ilustrações da nossa proposta e ainda contratamos o maquetista Kenji para a nossa maquete, uma exigência do edital.

Para efetivar a entrega resolvemos que um de nós deveria ir até o Japão garantir a entrega das pranchas e da maquete, o que acabou sendo eu mesmo. Parti para Tóquio carregando, além da nossa maquete, a do escritório dos colegas Croce, Aflalo e Gasperini, que também estavam participando do concurso. Aproveitei esta primeira viagem até o Japão para realizar minha primeira incursão se não à China, pelo menos à parte desta que seria mais tarde anexada pelos chineses: Hong Kong. Sabendo de meus planos de viagem conversei com Vicente Wissenbach, o então editor da revista Projeto, e combinei agir como enviado especial de sua revista para analisar algum aspecto de interesse em Hong Kong.

Chegando a Tóquio fui muito bem recebido por Nanjo, outro participante do concurso com a sua equipe local. Nesta visita, o próprio Nanjo e alguns de seus colaboradores mais próximos foram meus cicerones, levando-me a visitar obras importantes naquela enorme metrópole, de arquitetos renomados como Kenzo Tange e Fumihiko Maki, que mais tarde receberia em São Paulo para uma palestra promovida pelo Instituto para o Desenho Avançado IDEA, do qual era então presidente executivo, no auditório do MASP (fig.75) e sobre cuja obra escrevi um artigo na revista Projeto Design, em sua edição de 1997 (Padovano, 1997).

O resultado do concurso foi excelente, já que entre as mais de 400 equipes que entregaram propostas de todo lado do mundo, tanto nós como a equipe do colega e professor aposentado da FAUUSP Giancarlo Gasperini permanecemos entre os últimos 64 trabalhos, antes da rodada final que escolheu as equipes vencedoras dos vistosos prêmios. Todas as propostas, inclusive a nossa, foram publicadas em livro luxuoso editado pela prefeitura de Tóquio. O vencedor foi, surpreendentemente, um arquiteto sul-americano que já citei anteriormente, Rafael Viñoly, o que foi um outro aspecto positivo e animador para nós no Brasil.

No final da estadia no Japão, com a entrega do trabalho, resolvi passar alguns dias visitando em Hong Kong a amiga Veronica Balsa, a filha de Josette Mazzella di Bosco Balsa (fig.76), senhora francesa radicada no Brasil que havia conhecido em São Paulo. Josette era uma promotora cultural e havia organizado a exposição 'Arquitetos Brasileiros' no IFA Institut Français d'Architecture em 1996 (da qual havia sido convidado para participar com o projeto do SESC), mudando-se mais tarde para Hong Kong, onde morava com a filha. Veronica me levou para conhecer a megacidade asiática (já com seus 8 milhões de habitantes), que ao longo da década de 70 havia se transformado no pólo mais dinâmico da verdadeira "explosão capitalista" do grande mercado asiático, capaz de colocar em crise o comunismo totalitário enraizado no poder na China desde que os revolucionários guiados por Mao Tse Tung assumiram o comando da imensa nação asiática em 1949, no imediato pós-guerra, com a derrocada dos invasores japoneses pelos Aliados. Um aglomerado metropolitano de enormes arranha-céus, misturando qualidades ocidentais com as orientais (fig.77), o meu portal de entrada na China. No entanto, o momento político local era muito tenso.

Empobrecida, apesar de seu imenso mercado de consumo interno, a China vinha assistindo a partir dos anos 60 ao rápido e impressionante desenvolvimento dos "tigres asiáticos" (seus vizinhos, o ex-inimigo Japão, Singapura, a ilha rebelde de Taiwan, Malásia, Coreia do Sul e a própria Hong Kong), enquanto sua população, majoritariamente fixada no atrasado campo, vivia com uma renda per capita muito baixa, mesmo após a privatização das comunas, que haviam levado inteiras populações (há

75

Fumihiko Maki

Mestre do Desenho Contemporâneo

Recent works by Fumihiko Maki

O grande mestre da arquitetura japonesa contemporânea, que recebeu em 1993 o Pritzker Prize (equivalente ao Nobel na Arquitetura) e a medalha de ouro da UIA - União Internacional de Arquitetos, apresentará seus trabalhos recentes para o público brasileiro.

Após a palestra haverá um debate com a participação dos arquitetos Hiroo Nanjo, Miguel Pereira e Edson da Cunha Mahfuz.

A palestra e debate serão em inglês, sem tradução simultânea. Perguntas do público e respostas do palestrante serão traduzidas.

Inscrições até 25 de abril / Joy Events T (011) 282 6377. Fazer a reserva por telefone antes do pagamento.

Fazer emitir este cartão por fax acompanhado do comprovante de depósito no valor abaixo:
Sócios IAB R\$ 40,00 / Associados IDEA R\$ 40,00 / Profissionais anuais R\$ 80,00 / Estudantes R\$ 30,00

Fumihiko Maki

Vagas limitadas

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Profissão: _____

Assinatura: _____

Pagamento em nome do Instituto para o Desenho Avançado IDEA
Banco Itaú Agência 0796 Conta 48532-8

78

estatísticas que falam em até sessenta milhões de pessoas) à morte por subnutrição, o absurdo resultado das desastrosas políticas de coletivização no campo promovidas por Mao Tse Tung e pelo PCC - Partido Comunista da China.

Nesta época, no entanto, a China já havia iniciado suas reformas econômicas, criando cidades abertas aos investidores capitalistas, como Xangai, uma política de distensão com o Ocidente em geral e os Estados Unidos em particular, em troca das reintegrações de Hong Kong e Macau à nação chinesa, fixadas para 1997. A cidade de Xangai tinha sido escolhida como a vitrine desta guinada pró-ocidental.

Neste ano de 1990, portanto, Hong Kong já vivia um momento de grandes expectativas com relação a esta re-integração à "Grande China" ou Mainland China em inglês, que inclusive preocupava os setores mais conservadores da economia local, pelo poder político ainda estar centralizado no PCC, num regime claramente ditatorial para os padrões institucionais ocidentais, e mesmo para aqueles de Hong Kong, ainda uma colônia britânica com o governador indicado pela coroa, mas com liberdades individuais garantidas, inclusive a de livre expressão. Faltavam então apenas sete anos até a anexação.

79

Para alguns empresários otimistas a inserção de Hong Kong na pujante economia chinesa, a partir da abertura aos capitais estrangeiros e privatizações, era sinônimo de potencial crescimento e prosperidade. Já para os pessimistas, mesmo que Hong Kong se beneficiasse de relativa autonomia durante os próximos 50 anos, esta mudança de poder se traduziria gradualmente numa submissão ao poder centralizador do PCC, apesar destas garantias institucionais e a tendência existente para uma transição pacífica para uma economia de mercado. A idéia de "um país, dois sistemas" propagada pelos líderes do partido e denominada de "socialismo de mercado" pelos setores mais liberais do governo chinês, deixava pelo jeito a população e a elite de Hong Kong bastante receosa de possíveis retrocessos políticos / institucionais que poderiam frear o processo de crescimento e enriquecimento praticamente ininterrupto por mais de quatro décadas, especialmente após o massacre pelas forças militares chinesas na Praça Tianamen na China de centenas de manifestantes pró-democracia reunidos naquela praça num protesto pacífico (fig.78).

Nesta visita para uma Hong Kong ainda liberal e ocidentalizada, apesar de muitos traços culturais claramente autóctones ainda serem perceptíveis nos bairros mais antigos e ao longo das ruas comerciais, especialmente em Kowloon no continente, realizei a reportagem jornalística para a revista Projeto combinada com Wissenbach, que mais tarde viria a ser capa da edição de número 131, abril / maio de 1990 (fig.79). A reportagem focalizou as torres com as sedes das instituições bancárias HKSB - Hong Kong and Shanghai Bank, de propriedade privada, e da Bank of China, controlada pelo governo comunista. Após a análise realizada in loco cheguei à conclusão que a realidade local desafiava os estereótipos costumeiramente associados aos dois sistemas políticos e seus produtos arquitetônicos.

A torre do HKSB, projeto do arquiteto inglês Norman Foster, de partido e linhas claramente hi-tech, característica da produção britânica contemporânea, era muito dispendiosa, ou pouco eficiente em termos financeiros (o seu metro quadrado havia custado cerca de seis vezes mais do que aquele do Bank of China), e socialmente progressista (um espaço público qualificado, relações espaciais internas mais convidativas e interativas), qualidades normalmente não associáveis à gestão privada. Já sua

rival no skyline de Hong Kong, a torre futurista do Bank of China, projeto do escritório do chinês radicado nos EUA, Ieoh Ming Pei, tinha custo moderado mas era socialmente um retrocesso (sua base lembra um banco tradicional e é hermética com relação ao espaço público, com espaços internos segmentados e conservadores), qualidades não associadas à idéia de um banco de gestão pública, de um governo socialista.

Por causa destes paradoxos, finalizei o artigo dizendo que "É a festa das contradições. Os banqueiros capitalistas fazendo uma obra "humanista", a um preço muito alto (baixa eficiência). E os banqueiros comunistas fazendo uma obra "elitista", a um preço muito baixo (alta eficiência). Tudo isto emoldurado pela linda e enigmática paisagem urbana de Hong Kong... Concorro, enfim, com Stephen Hawking, em Uma Breve História do tempo: "O universo é regido pela casualidade, ou por um Deus no mínimo eclético." (Padovano, 1990).

Poucos anos depois, em 1994, o próprio Nanjo sugeriu que fizéssemos uma proposta conjunta para o novo terminal internacional marítimo de Yokohama, objeto de novo concurso internacional, o que acabou aumentando minha ligação com o próprio Nanjo e a Ásia através de um trabalho realizado junto com a equipe do Atelier Nanjo, sua empresa em Tóquio (fig.79)

Desta vez, iniciamos o projeto com o próprio Vigliecca apenas, e com as equipes de nossos dois escritórios trabalhando em paralelo, em Tóquio e São Paulo. Começou a esboçar-se uma forma de cooperação à distância que passaria a ser usual, anos mais tarde, com os colegas chineses.

Iniciávamos, então, o processo de utilização da tecnologia CAD, não totalmente dominada por nós ainda, enquanto os escritórios estrangeiros já a utilizavam desde a década de 80, como pelo próprio Vinöly em sua proposta vencedora para o Fórum. Enquanto a proposta evoluía, com a troca de e-mails e o envio dos desenhos pelo correio expresso entre as duas equipes, Vigliecca decidiu sair do nosso escritório após dez anos de sociedade e abandonou o concurso no meio do trabalho já iniciado.

Isto surpreendeu tanto ao Nanjo quanto a mim, já que havíamos decidido que ele iria até o Japão terminar a proposta com a equipe local, o que seria uma dobradinha com o que eu havia feito anteriormente no caso do Fórum. No fim, resolvemos continuar com a nossa participação e, mesmo desfalcados do meu ex-sócio, conseguimos terminar a proposta, com a minha segunda ida até Tóquio, em 1994.

Nesta ocasião, fiquei duas semanas em Tóquio, inicialmente hospedado no pequeno apartamento do Nanjo e da Miho e depois num daqueles micro-quartos de 1,5m x 3m dos hotéis econômicos (com preços elevados, no entanto, para os brasileiros). Trabalhei sem parar com a equipe japonesa e finalizamos a nossa proposta, que, apesar de interessante (um edifício verde, um túnel horizontal encoberto por jardins suspensos para interligar o terminal ao parque vizinho) (fig.80), não foi premiado. Aproveitei ainda esta viagem para realizar um segundo concurso com a equipe de Nanjo, para o Centro de Exposições, para o qual propusemos uma estrutura treliçada metálica vencendo o vão principal do centro, com uma secção ondulada, e uma torre de observação com vista sobre a cidade, agindo de marco referencial do conjunto (fig.81).

79

80

81